



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

ADALTON GUEDES BAIA

**JOGOS TEATRAIS INTRODUTÓRIOS NA ESCOLA:
Um Caminho Metodológico no Processo de Ensino e Aprendizado de Alunos de
Mazagão.**

**MACAPÁ – AP
2023**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

ADALTON GUEDES BAIA

JOGOS TEATRAIS INTRODUTÓRIOS NA ESCOLA:

Um caminho metodológico no processo de ensino e aprendizado de alunos de Mazagão.

Trabalho de conclusão de Curso apresentado enquanto atividade avaliativa na Universidade Federal Do Amapá para a obtenção de aprovação na disciplina de TCC II.

Orientação: Dra. Adélia Aparecida da Silva Carvalho.

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP) Biblioteca Central/UNIFAP-
Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior –
CRB-2 / 1451

B152 Baia, Adalton Guedes.

Jogos teatrais introdutórios na escola: um caminho metodológico no processo de ensino e aprendizado de alunos de Mazagão / Adalton Guedes Baia. - Macapá, 2023.

1 recurso eletrônico. 81 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Teatro, Macapá, 2023.

Orientadora: Adélia Aparecida da Silva Carvalho.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Jogo teatral. 2. Ensino. 3. Aprendizado. I. Carvalho, Adélia Aparecida da Silva, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 792

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora e professora Adélia Aparecida da Silva Carvalho que me auxiliou durante essa caminhada na escrita desse trabalho.

Agradeço ao professor José Flávio Gonçalves Fonseca por ter aceitado fazer parte da minha banca de qualificação e da defesa.

Agradeço a professora Adriana Moreira por também ter aceitado participar das minhas bancas de qualificação e defesa.

Agradeço o diretor Joelson Nunes da Escola Estadual Manoel Queiroz Benjamin, por ter permitido a realização do projeto de TCC nessa escola.

Agradeço a professora Edina Maria Almeida Oliveira, pelo grandioso auxílio e apoio durante a realização do projeto.

Agradeço aos alunos do 5º ano do ensino fundamental por terem aceitado participar do projeto.

Agradeço ao professor Wellington Dias criador do projeto artístico Tecnobarca, o qual me possibilitou ter os primeiros contatos com a linguagem artística do teatro.

Agradeço ao colegiado do curso de licenciatura em teatro da Universidade Federal do Amapá por todo apoio e conhecimento proporcionado ao longo da minha graduação.

RESUMO.

O Jogo teatral enquanto metodologia é um campo vasto a ser explorado e uma ferramenta importante para a inserção da linguagem teatral dentro do espaço de sala de aula. Assim, este trabalho teve como objetivo fazer uma análise de jogos teatrais introdutórios, enquanto percurso metodológico aplicado em sala de aula da Escola Estadual Manoel Queiroz Benjamin. Para isso, usou-se como referencial teórico a autora Viola Spolin, a qual esquematizou tal metodologia. Com isso, criou-se um projeto de quatro dias para aplicação de tal metodologia com alunos do quinto ano do ensino fundamental da escola. Foram abordados em tal projeto questões de concentração, comunicação, relações interpessoais, de expressão corporal, dentre outras. Nesse trabalho relato também como ocorreu meus primeiros contatos com tal linguagem artística e o que levou a escolha de tal tema. Além de abordar de forma bibliográfica a trajetória que o ensino de teatro percorreu ao longo da história da educação brasileira.

Palavras Chaves: Jogo Teatral. Ensino. Aprendizado. Metodologia. Processo.

ABSTRACT

The theatrical game as a methodology is a vast field to be explored and an important tool for the insertion of theatrical language within is a vast field to be explored and an important tool for the insertion of theatrical language within the classroom space. Thus, this work aimed to analyze the introductory theater games, as a methodological approach applied in the classroom at the Manoel Queiroz Benjamin State School. For this, the author Viola Spolin was used as a theoretical reference, which outlined such methodology. With this, a four-day project was created to apply this methodology with students in the fifth year of elementary school at the school. Questions of concentration, communication, interpersonal relationships, body expression, among others, were addressed in this project. In this work I also report how my first contacts with such an artistic language occurred and what led to the choice of such a theme. In addition to addressing in a bibliographical way the trajectory that theater teaching has taken throughout the history of Brazilian education.

Key-words: Theatrical Game. Teaching. Apprenticeship. Methodology. Process.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. CAPÍTULO 1 - SOBRE OS MEUS PRIMEIROS CONTATOS COM OS JOGOS TEATRAIS.....	11
2.1. PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS EM ARTE NO ARQUIPÉLAGO DO BAILIQUE.....	11
2.2. A MUDANÇA PARA MACAPÁ – OUTRAS EXPERIÊNCIAS EM ARTE.....	14
2.3. A ESCOLHA DO MEU OBJETO DE PESQUISA	17
3. CAPÍTULO. 02: CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO DE TEATRO NO BRASIL.....	22
3.1. O ENSINO DE TEATRO - DOS PRIMEIROS ANOS DE COLONIZAÇÃO AS REFORMAS DE MARQUÊS DE POMBAL.....	22
3.2. TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS DO SÉCULO XX: DO ESCOLANOVISMO À DITADURA MILITAR.....	23
3.3. NOVOS RUMOS DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO DE TEATRO NO BRASIL: A APROVAÇÃO DA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO DE 1996.....	25
3.4. O ENSINO DE TEATRO NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.....	27
3.5. O ENSINO DE TEATRO NA CONTEMPORANEIDADE: A NOVA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	27
4. CAPÍTULO. 3.: SOBRE O JOGO TEATRAL E SUA APLICAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL MANOEL QUEIROZ BENJAMIN.....	30
4.1 - O JOGO TEATRAL NA ESCOLA.....	30
4.2 SOBRE O PROJETO E O CONTATO COM A ESCOLA.....	31
4.3 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA REALIZADA.....	34
4.3.1 Análise do Primeiro dia de Projeto.....	34
4.3.2 Análise do Segundo dia de Projeto.....	39
4.3.3 Análise do Terceiro dia de Projeto.....	46
4.3.4 Análise do Quarto dia de Projeto.....	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....65

ANEXO A: Plano de aula Nº1.....	67
ANEXO B: Plano de aula Nº 2.....	68
ANEXO C: Plano de aula Nº 3.....	72
ANEXO D: Plano de aula Nº 4.....	74
ANEXO E: Realização da entrevista - Fonte: Arquivo pessoal.....	78
ANEXO F: Roda de conversa. - Fonte: Arquivo pessoal	78
ANEXO G: Compartilhamento das respostas obtidas nas entrevistas. - Fonte: Arquivo pessoal.....	78
ANEXO H: Jogo teatral: Exposição. - Fonte: Arquivo pessoal.....	79
ANEXO I: Guiando o colega com a palma da mão. - Fonte: Arquivo pessoal.....	79
ANEXO J: Massageando o colega. - Fonte: arquivo pessoal.....	79
ANEXO K: Espaço de sala de aula - Fonte: arquivo pessoal.....	79
ANEXO L: Processo de concentração - Fonte: arquivo pessoal.....	80

1. INTRODUÇÃO

Durante a minha trajetória enquanto estudante de escola pública tive pouco contato com a linguagem teatral dentro do espaço escolar. E na realização de estágios supervisionados, disciplinas obrigatórias no Curso de Licenciatura em teatro, da Universidade Federal do Amapá, os quais realizei em instituições de ensino público do Estado do Amapá com professores com formação em Artes Visuais, devido à ausência de profissionais licenciados na área de teatro, percebi o quanto contato dos alunos com a linguagem teatral, ainda é escassa.

Durante a realização do Estágio supervisionado II utilizei-me dos jogos teatrais como ferramenta metodológica na abordagem da linguagem teatral dentro de sala de aula. Porém, como o tempo utilizado para a aplicação dessa metodologia teve que ser curto, senti que algumas etapas introdutórias do processo foram puladas ou não foram trabalhadas da forma como deveriam, como por exemplo, questões que envolvem concentração, exercícios de confiança entre os colegas, exercícios de expressão corporal, dentre outros.

Tendo em vista a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que traz em seu texto, diferentes linguagens artísticas como as artes visuais, o teatro, a música e a dança, mas que porém, nos currículos das escolas a linguagem das artes visuais ainda predomina, esse trabalho terá importância porque apresenta uma experiência da aplicação da linguagem teatral dentro do espaço de sala de aula.

Tendo como título: Jogos teatrais introdutórios na escola: um caminho metodológico no processo de ensino e aprendizado de alunos de Mazagão, esse trabalho teve como objetivo analisar como os jogos teatrais enquanto percurso metodológico foi aplicado em sala de aula da Escola Estadual Manoel Queiroz Benjamin, localizada no Município de Mazagão através de um projeto realizado durante quatro dias, em que os participantes foram alunos do quinto ano do ensino fundamental, com faixa etária de 9 a 13 anos de idade. Buscou-se também destacar o trabalho das relações interpessoais, da concentração e da expressão corporal utilizando jogos teatrais introdutórios de Viola Spolin.

Como base para a análise dessa experiência realizei nesse trabalho uma pesquisa de caráter bibliográfico no intuito de entender a história do teatro em relação a educação no Brasil, tendo em vista que essa é uma linguagem artística muito rica e vasta, com o qual muito se pode explorar, tanto dentro quanto fora do espaço de sala de aula. -Apesar de muito se discutir acerca de sua relevância para os processos de ensino e aprendizado dentro desse espaço, visto que sua

trajetória e presença de forma legal nos espaços educacionais brasileiros, há que se considerar que os âmbitos escolares passaram por muitas turbulências que ainda perduram.

Este trabalho teve como referência central o trabalho da autora Viola Spolin a qual foi pioneira nos estudos dessa área da linguagem teatral, e os seus livros “*Improvisação para o teatro*” e “*Jogos Teatrais: O fichário de Viola Spolin*”, foram traduzidos para o português pela autora e Professora Domine Koudela.

A utilização do jogo teatral enquanto método de ensino vem ganhando espaço dentro e fora da escola devido a sua vasta possibilidade de exploração, o qual articula aspectos como, a relações em grupo entre os indivíduos, trabalha a comunicação, a exploração da expressão corporal, dentre outras. Tornando-se assim mais uma ferramenta possível de ser utilizada dentro do espaço dentro de sala de sala de aula.

A finalidade do *jogo teatral* na educação escolar é o *crescimento pessoal* e o *desenvolvimento cultural* dos jogadores através do domínio, comunicação e uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional. O princípio do *jogo teatral* é o mesmo da *improvisação teatral*, quer dizer, a comunicação que emerge a partir da espontaneidade das interações entre sujeitos engajados na solução cênica de um problema de atuação (Japiassu; 1999; p.132).

Assim, este trabalho monográfico dividiu-se em três capítulos.

No Primeiro capítulo: **Sobre os meus Primeiros contatos com os jogos teatrais**, abordo meus primeiros contatos com as artes e com o teatro especificamente, onde morei, quais artistas me influenciaram a seguir com a linguagem artística, sobre o que me levou a decisão de cursar a Licenciatura em teatro, e do porquê eu ter escolhido trabalhar com o jogo teatral e minha pesquisa. Esse capítulo foi subdividido em três subitens.

No primeiro subitem: Primeiras experiências em arte no arquipélago do Bailique, apresento uma abordagem dos meus primeiros contatos com as linguagens artísticas no lugar onde morei por um período da minha vida que foi em uma comunidade ribeirinha do arquipélago do Bailique. Também reflito sobre as minhas relações com o projeto artístico Tecno Barca e a sua importância para a minha vida. Além das especificidades encontradas no ensino de artes nas escolas em que estudei no arquipélago.

No segundo subitem: A mudança para Macapá – outras experiências em arte, abordo as mudanças que ocorreram na minha vida a partir dos meus 15 anos de idade quando me mudei do arquipélago do Bailique para a cidade de Macapá no Estado do Amapá no ano de 2015 e de como isso me afetou. Dentre essas mudanças está a forma como tive que encarar o cotidiano da

cidade e do ambiente escolar. Além de ir atrás de novos rumos e relações no campo do trabalho com as artes.

No terceiro subitem: A escolha do meu objeto de pesquisa, escrevo sobre o que me levou a escolher o jogo teatral como objeto de pesquisa. Para isso, abordo algumas experiências vivenciadas durante o percurso na minha graduação.

No segundo capítulo: **Contexto histórico do ensino de teatro no Brasil**, faço um breve levantamento bibliográfico de aspectos importantes dos caminhos percorridos por essa linguagem artística para que seu espaço dentro dos currículos das escolas fosse efetivado. Para isso, ele é dividido em cinco subitens.

No subitem: O ensino de teatro - dos primeiros anos de Colonização brasileira às Reformas educacionais de Marquês de Pombal, abordo a utilização do teatro como ferramenta de catequização dos povos nativos pelos colonizadores que chegaram em terras brasileiras em meados dos anos de 1500, e de como isso afetou a vida e a cultura dessas pessoas. Além de abordar as reformas educacionais que foram feitas por Marquês de Pombal nos anos de 1750.

No subitem: Tendências Pedagógicas do Século XX: Do Escolanovismo à Ditadura Militar. Faço uma abordagem da corrente educacional Escolanovista no Brasil e de como essa corrente funciona. Perpasso por reformas educacionais como a aprovação da Lei de diretrizes e bases da Educação de 1961 e de como isso influenciou o ensino de teatro naquele período. Além de abordar o período da Ditadura militar que se instalou no Brasil a partir do ano de 1965 e quais as medidas tomadas pelos militares acerca do ensino de teatro durante esse período.

No subitem: Novos rumos da educação e do ensino de teatro no Brasil: A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996. Reflito sobre como o ensino de artes, em específico o teatro, foi encarado na reabertura do regime democrático no Brasil. E de como ocorreu as discussões para a aprovação da nova Lei de diretrizes e bases da educação brasileira e como isso afetou o ensino das artes no País.

No subitem: O ensino de teatro nos Parâmetros Curriculares Nacionais, abordo os PCNs, o que é esse documento, qual a importância dele e de como o ensino das artes e do teatro é abordado nele.

No subitem: O ensino de teatro na contemporaneidade: A Nova Base nacional Comum Curricular, discuto a nova BNCC, o que é esse documento, **quais** as mudanças que este traz acerca da abordagem do ensino das artes e do teatro nos currículos das escolas. E os desafios

encontrados pelas escolas para a implantação integral das mudanças sugeridas por tal documento, através de textos disponíveis na rede mundial de computadores (Internet).

No terceiro capítulo: **Sobre o jogo teatral e sua aplicação na Escola Estadual Manoel Queiroz Benjamin**, apresento questões conceituais acerca do jogo teatral, além do contato com a escola e a análise da aplicação do projeto na escola durante o período de quatro dias.

No subitem: O jogo teatral na escola, realizo uma abordagem conceitual do objeto aqui estudado. O que é o jogo teatral. Além de trazer também a autora Viola Spolin como a principal referência para esta pesquisa, através do trabalho de tradução feito por Ingrid Koudela para a língua portuguesa.

No subitem: Sobre o Projeto e o contato com a escola, aqui trato das características do projeto, como os aspectos metodológicos, onde ele foi realizado, para quem ele foi destinado, o período de aplicação além de explicar como ocorreu o contato com a escola,

No subitem: Análise da experiência realizada, faço uma análise dos aspectos observados durante a realização do projeto tais como concentração, expressão corporal, trabalho de relações interpessoais e da aplicação do jogo teatral. São trazidos os aspectos positivos, os desafios que foram enfrentados ao longo do projeto e os aspectos negativos.

Nas considerações finais apresento as reflexões acerca das questões observadas ao longo da pesquisa. Como se deu o caminho percorrido, desde o levantamento da problemática até os aspectos abordados na prática, além dos desafios superados nos dias para a coleta dos dados.

2. CAP. 1: SOBRE OS MEUS PRIMEIROS CONTATOS COM OS JOGOS TEATRAIS

2.1 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS EM ARTE NO ARQUIPÉLAGO DO BAILIQUE

Durante parte da minha vida, dos meus 5 aos 15 anos de idade, vivi em uma comunidade chamada de Igarapé Grande do Curuá, no arquipélago isolada na Foz do Rio Amazonas, chamado de Bailique, interior do Município de Macapá, estado do Amapá. Esse arquipélago localizado na foz do Rio Amazonas é composto por 8 ilhas que se distribuem em mais de 52 comunidades ribeirinhas. Com uma população que segundo o último censo demográfico do IBGE, realizado no ano de 2010 era estimada em 7618, mas que atualmente as estimativas já ultrapassam o quantitativo de 10 mil pessoas. O acesso a tais localidades é feito por meio de embarcações e que dependendo da localidade para onde se pretende ir, a viagem pode durar de 8 a 12 horas.

Nas comunidades ribeirinhas, as condições de vida são totalmente diferentes da cidade. As casas são feitas de palafitas, a locomoção é feita sobre pontes e através de embarcações. O acesso a rede mundial de computadores, internet, não era possível na época em que eu morava lá. A energia elétrica era disponibilizada por apenas quatro horas diária, com raríssimas exceções. A natureza era parte do meu cotidiano. O rio e a floresta eram os lugares onde eu brincava e era feliz. Dessa forma a vida seguia seu fluxo.

E durante parte desse tempo tive pouco interesse pelo campo artístico, porque o contato que tinha com as artes, que se dava em sua maioria através da escola, era direcionado para o campo das artes visuais. Muitas vezes as metodologias utilizadas pelos professores se distanciavam da realidade dos estudantes, por exemplo, na época das comemorações da independência do Brasil os alunos pintavam a bandeira nacional brasileira e outros símbolos, na época do Folclore os alunos pintavam figuras que faziam parte disso, como o Saci Pererê, a Mula sem cabeça, dentre outras. Nunca que os alunos eram estimulados a pensar outras formas de utilizar a arte, seja através do teatro, da dança, da música.

Estudei meu ensino fundamental II em uma localidade diferente da qual eu morava e que se chama Limão do Curuá, o percurso que fazia até a escola era de barco e tinha duração de 40 minutos através do Rio Amazonas.

O ensino naquela comunidade se dá de forma modular, que diferentemente do ensino regular, durante um tempo duas ou três disciplinas eram ofertadas por um período de dois a três meses, porém, como havia a dificuldade de acesso ao local e a não adaptação por parte de alguns professores no arquipélago, além da falta de cuidado por parte do poder público com a educação, condições que faziam com que os alunos ficassem por um longo período sem aulas. Dessa forma o processo de ensino ficava um pouco defasado e muitos estudantes acabavam desistindo de ir à escola. Não sei se as coisas mudaram, pois já se passaram muitos anos desde a época em que fiz parte desse tipo de ensino.

Com isso, a disciplina de arte era condensada em dois meses e com duas aulas por dia, porém, dada algumas questões citadas anteriormente, esse tempo não era cumprido, o contato com a disciplina era ainda mais restrito e os assuntos abordados em tal período eram direcionados para o campo das artes visuais, com destaque para a pintura e o desenho.

Além da escola também tive o contato com a arte através de amigos próximos, que gostavam de pintar, desenhar e esculpir e faziam isso com muita maestria. Porém, como eu não tinha afinidade com essas questões, perdia o interesse rapidamente. Foram muitos anos de questionamentos e de ignorância em relação ao campo das artes, com um processo de ensino defasado e limitado, nunca me foi despertado o interesse por questões artísticas.

Porém, no mês de janeiro de 2014, através desses mesmos amigos tive o contato com o projeto artístico Tecno Barca¹, que conta com a coordenação do artista Wellington Dias² e estava sendo realizado em sua segunda edição e que teve duração de duas semanas, subdividido entre oficinas, produções artísticas e exposição.

¹ É um projeto artístico realizado pela Associação Gira mundo e coordenado pelo Artista Wellington Dias teve sua 1ª edição realizada no ano de 2012 durante os meses de julho e agosto. A sua 2ª edição foi realizada no ano de 2014 no mês de janeiro. A sua 3ª edição foi realizada no mês de julho do ano de 2019. A 4ª edição da residência foi realizada em formato virtual nos meses de maio a julho de 2021, devido as condições de isolamento ocasionado pela pandemia de Covid-19. E após passados mais de 10 anos da primeira residência a 5ª edição realizou-se no período de duas semanas no mês de novembro de 2022. Tal projeto durante seu percurso contou com a participação de diferentes artistas advindos de diferentes lugares do Brasil e do exterior, e tem como intuito levar a arte de forma integrada aos moradores do arquipélago de Bailique.

² É graduado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. É também especialista em docência para o Ensino Superior pelo Centro Universitário do Sul de Minas Gerais. Possui graduação e mestrado em Direção teatral pelo RITCS School of arts- Hoggeschool University em Bruxelas na Bélgica, com diploma revalidado pela Universidade Federal do Estado Do Rio de Janeiro. É ator, produtor cultural e performer. Atuou como professor substituto na Universidade Federal do Amapá, no curso de Licenciatura em teatro. Atualmente é professor efetivo da Universidade do Estado do Amazonas, também pelo curso de teatro. Integra grupos artísticos como o Bando Filhotes de Leão e a Associação Gira Mundo. Realizou como coordenador 5 edições do projeto artístico Tecno Barca entre os anos de 2012 a 2022.

A partir do contato com tal projeto, que tem o formato de residência artística, a qual se propõe reunir artistas de diferentes linguagens durante um período de tempo em localidades bairruenses, e que através das trocas realizadas durante o projeto os moradores podem se aproximar das diferentes linguagens que os possibilitam através do diálogo com os artistas residentes experimentar os processos de criação artísticas através de oficinas e de exposições, fazendo com que se abram novos olhares sobre o campo das artes. As coisas na minha vida começaram a tomar novos rumos, o meu interesse pelo campo das artes tomou novas perspectivas. Durante o período que estive participando da residência tive o contato com a linguagem das artes visuais, do audiovisual, da performance, dentre outras, enquanto aluno das oficinas e admirador da exposição.

Foi nesse período que participei da minha primeira oficina de teatro com o artista David Limaverde³, foi uma oficina voltada para o teatro do oprimido. Nessa ação foram trabalhados aspectos de improvisação teatral, aspectos da relação do corpo com o espaço e a relação do indivíduo com o grupo. Foi criado ao final como resultado da oficina uma cena que abordou questões da vida do interior e as perspectivas futuras. Como eu ainda não tinha muito discernimento das coisas, só fui entender um tempo depois a importância de tal assunto para o teatro, mas que apesar desse não entendimento aprofundado de tal oficina, foi plantada a semente da linguagem teatral, que fez mudar a minha vida por completo.

Fiquei muito mexido com tal experiência e comecei a perceber que apesar da escola não me proporcionar outras experiências com as outras linguagens artísticas, a não ser a pintura e o desenho, as questões vivenciadas naquele período de residência com a TecnoBarca não ficariam restritas ao campo dos sonhos e da minha memória. Percebi que a arte poderia fazer parte da minha vida. No período de trocas com os artistas experiência vividas me fizeram sonhar com um novo futuro e ter novas perspectivas. Pude entender que o campo artístico é cheio de possibilidades e que você pode ir se descobrindo a cada experiência, e se encaixar onde se sentir melhor e acolhido.

³ É arte-educador formado pelo Instituto Federal do Ceará. É mestre em Estudos da Performance pela Universidade de Barcelona. Além de ser pós-doutor em Artes e educação pela Universidade de Barcelona. É cearense, mas atualmente vive em Amsterdã onde leciona na Master Performing Public Space da Fontys University participa como membro dos coletivos OT301 e Home Participation. Participou com artista residente das 1, 2 e 3ª edição e como conselheiro pedagógico da 4 e 5ª edição do projeto artístico TecnoBarca, nos anos 2012, 2014, 2019, 2021 e 2022.

O contato com o projeto Tecnobarca continuou fazendo parte da minha vida e nos anos posteriores a 2014 participei enquanto artista na 3ª e 4ª edição, nos anos 2019 e 2021 respectivamente.

2.2 A MUDANÇA PARA MACAPÁ – OUTRAS EXPERIÊNCIAS EM ARTE

No ano de 2015, minha vida passou por uma grande mudança. No começo deste ano, mudei-me junto a minha família para a capital do Estado do Amapá, para a cidade de Macapá. Com isso, tive que me adaptar aos novos desafios do cotidiano. Tive que aprender a me adaptar à realidade agitada do novo local. Aprendi a andar de ônibus, coisa que eu nunca tinha feito antes na minha vida. Comer pão no café da manhã deixou de ser uma raríssima experiência. O rio já não era mais a minha rua, a floresta já não estava tão perto, os sons eram diferentes. Se no Bailique o silêncio era rompido por sons de grilos, sapos, pássaros e outros animais silvestres, na cidade os sons que reinavam era o dos carros e das pessoas conversando. Além disso, a troca e as relações entre as pessoas se deu de forma diferente, no interior as casas não tinham muros, tinham dias que toda a comunidade se reunia para celebrar algumas datas especiais como o Natal, o dia das Crianças, a Páscoa. Quando alguém fazia aniversário e proporcionava uma festança, a grande maioria da comunidade comparecia a tal evento.

Outra coisa que mudou foi a forma como eu estudava, se antes eu ia para escola em uma embarcação pelo rio Amazonas por cerca de 40 minutos, a partir daquele ano tive que me locomover até a escola de ônibus, as maresias que causavam adrenalina tanto na ida quanto na volta, se tornaram memórias e que foram substituídas no meu cotidiano por carros, motos, buracos, cachorros, urubus.

A forma como as disciplinas eram distribuídas também se tornou diferente. Se antes a matéria Arte era condensada em dois meses, na minha nova escola ela se distribuía em duas aulas por semana, ou seja, durante o ano todo eu a estudava. Porém, em raríssimas exceções tive o contato com a linguagem do teatro, da performance etc. O pouco contato se deu muito de forma teórica e em curtos períodos. Senti falta de ir a lugares que poderiam proporcionar novas vivências, como por exemplo, museus, grupos artísticos, a teatro, cinemas. A forma como experimentei a arte na escola continuava sendo muito superficial e distanciada.

Porém, como ainda estava mexido com as experiências vivenciadas na Tecnobarca, fui em busca de me conectar com pessoas que faziam parte da vida artística de Macapá. Entrei

então em contato com o Wellington Dias, o qual me indicou alguns nomes. Foi nesse período que conheci o projeto artístico Cangapé⁴, projeto voltado para a linguagem do circo, porém, devido a algumas dificuldades pessoais e familiares não consegui continuar em tal projeto.

No entanto, mais adiante, através de outro artista residente da Tecnobarca em 2014, o Anderson Barroso⁵, tive o contato com o artista e diretor Paulo Alfaia⁶, o qual estava no começo de um processo de montagem de um novo espetáculo teatral chamado “*kayeb – Na pegada da cobra grande*” para o qual o mesmo convidou-me a fazer parte, não hesitei muito em aceitar tal convite, pois sabia que aquela era uma oportunidade de ouro que me possibilitaria vivenciar e aprender diversas questões dentro da linguagem teatral.

A peça foi adaptada a partir de releituras de mitos e lendas dos Povos Indígenas que vivem na região do Uaçá e Oiapoque, extremo norte do Estado do Amapá. E traz como proposta um trabalho simbólico e narrativo em confronto das diferentes versões dessas lendas. Dentre essas destaca-se a “Lenda da Cobra grande”, a qual conta como se deu a origem do mundo e a relação do mundo físico, visível e do mundo invisível dos encantados. A peça retrata uma Amazônia modificada e muito à frente do tempo presente, os indígenas são albinos e isolados e caminham pela floresta em busca de se manterem vivos. São trabalhados aspectos de encantaria, de musicalidade, de corpo que nos leva a emergir nesse mundo da cosmologia indígena.

Foi um processo que durou cerca de cinco meses, durante esse período fizemos pesquisa de corpo, de voz, de movimento, de ações em coletivos, além de pesquisa da dramaturgia do próprio espetáculo, que tinha como foco contar a história do Mito da cobra grande, dos povos indígenas da região do Uaçá e baixo Oiapoque.

⁴ Com 17 anos de história, a sede, localizada na periferia da cidade de Macapá, no Bairro do Araxá, atende crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade social através de ações artísticas por meio do circo e do teatro. Foi contemplado com diversos prêmios, dentre eles, nos anos de 2013, 2014 e 2016 pelo Crianças Esperança-UNESCO. Dentre os seus projetos, destaca-se o “*Corda Bamba no equador*” e espetáculos como “*Se deixar ela canta*” o qual representou o estado do Amapá no projeto SESC Amazônia das artes no ano de 2018.

⁵ É ator e diretor teatral amapaense, mas atualmente mora na África do Sul. É graduado em licenciatura em História pela Universidade Estácio de Sá Do Rio de Janeiro. É mestre em Drama and Film studies pela University of Pretória, da África do Sul. Atuou como professor universitário na WITS University of the Witwatersrand na África do Sul. Participou como artista da 1ª e 2ª edição do Tecnobarca e como conselheiro pedagógico da 4ª e 5ª edição.

⁶ Presidente e fundador do movimento cultural desclassificáveis. É ator, diretor, produtor cultural e performer. Dirige o espetáculo “*Kayeb - Na pegada da cobra Grande*”, o qual teve sua estreia no ano de 2017, na cidade de Macapá. É um artista ativo na cena cultural amapaense, sendo contemplado em diferentes editais de fomento e realização e apresentações de espetáculos tanto do Governo do Estado do Amapá, quanto da Prefeitura de Macapá.

Uma experiência que nunca me esqueço foi durante a preparação para o espetáculo “*Kayeb – Na pegada da cobra grande*”, através da aplicação de um exercício de concentração e sensibilização, no qual o diretor do espetáculo fez com que através dos cheiros, dos sons, do toque os atores fossem para um estado de muita concentração, o que permitiu que as trocas entre os participantes fossem mais proveitosas e delicadas. Foi um dos momentos mais fortes para mim durante o processo. A energia criada a partir de tal experiência fez com que meu corpo entrasse em um estado de prontidão e passasse a estar aberto a trocas.

Foi um processo de muitas descobertas e de muita dedicação, além de ter sido super bem conduzido. Acredito que o cuidado e a paciência que o diretor e o elenco como um todo tiveram em me ajudar nas dificuldades foi de suma importância para meu crescimento artístico, visto que eu nunca havia feito parte de um processo como aquele.

Além da minha experiência com o processo de montagem do espetáculo mencionado anteriormente, participei de oficinas proporcionadas pelo Sistema Social do Comércio, o SESC, através de projetos como o *Amazônia das Artes*, *Palco Giratório* e *Vamos comer teatro*, que me proporcionaram vivências dentro da linguagem teatral, da dança e do circo. O que me fez continuar desbravando ainda mais o mundo das artes.

Durante o processo de criação do espetáculo “*kayeb-Na pegada da cobra grande*”, pude conhecer o artista Jhou Santos⁷, o qual fazia parte do elenco, e é fundador da Cia Tucuju. Ele me convidou, no ano de 2017 a integrar a Companhia, o qual fiz parte até o ano de 2021. Na cia Tucuju participei dos espetáculos “*O auto da estrela guia*”⁸ e “*Nós entre nós*”⁹, esses dois últimos foram processos muito intensos e profundos, diversos aspectos foram trabalhados

⁷ Possui licenciatura em Teatro Pela Universidade Federal do Amapá, possui também formação em Pedagogia pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá. É ator, diretor, produtor cultural e atuante ativo da cena cultural amapaense. Fundador da Companhia de arte Tucuju, na qual dirigiu espetáculos. Idealizador e coordenador do festival de solos cênicos amapaenses “*In Solos Tucujus*”.

⁸ O espetáculo foi criado e desenvolvido pela companhia de artes Tucuju e conta a história do nascimento de Jesus de uma maneira diferente e divertida através de uma dramaturgia criada coletivamente e adaptada para se ler em formato de cordel. Sua estética é voltada para o teatro de rua com uma mistura de esquetes e números circenses que envolve acrobacias e malabarismo.

⁹ Criado pela cia de arte Tucuju com direção de Jhou Santos, e conta a história do colapso da linguagem teatral que por diferentes épocas passou por momentos de crises e quase sucumbiu. O espetáculo é dividido em atos em que a cada um deles os integrantes e fazedores dessa linguagem artística, como os dramaturgos, os diretores, os atores, os sonoplastas os contrarregas e os espectadores, se questionam sobre sua importância para o fazer teatral que buscam encontrar novos rumos dentro de tal linguagem.

tanto em coletivo, quanto individualizado do corpo, da voz, do espaço, da cenografia, da dramaturgia, dentre outros.

Os processos de montagem de espetáculos, oficinas artísticas, além do projeto Tecnobarca que participei ao longo da minha caminhada artística fizeram com que eu tivesse a certeza da minha escolha pela arte e me incentivaram no ano de 2018 a entrar na Universidade Federal do Amapá, para o curso de Licenciatura em teatro.

2.3 A ESCOLHA DO MEU OBJETO DE PESQUISA

Ao longo do meu percurso enquanto estudante de licenciatura em teatro na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), tive contato com diversos assuntos que me chamaram a atenção, dentre eles está a linguagem da performance, que durante a disciplina de Fundamentos da pesquisa foi a minha primeira escolha para ser meu campo de pesquisa, mas que com o passar do tempo fui levado para outros caminhos. Assim, sempre me questionei sobre qual seria meu foco de pesquisa.

E foi na disciplina de Estágio supervisionado II que as coisas mudaram completamente e tive a certeza da escolha do jogo teatral para ser o foco de pesquisa. Porém, não foi nessa disciplina que ocorreu o meu primeiro contato com tal assunto, anteriormente em outras disciplinas, em algumas oficinas que participei e da preparação para alguns espetáculos já havia tido experiências com jogos teatrais, mas nada que tenha me despertado o interesse.

Ao longo da disciplina de estágio supervisionado II com a Professora Dra. Adélia Carvalho¹⁰, que é voltado para o público do Ensino fundamental I, ou seja, para alunos do 1º ao 5º ano, o caminho percorrido se deu da seguinte forma: com discussões em sala de aula na universidade sobre aspectos importantes acerca da matéria, questões curriculares da educação brasileira, da abordagem da linguagem artística em sala de aula pelas escolas e por professores e dos desafios que seriam encontrados na escola escolhida para se realizar tal estágio. Posteriormente, realizou-se o período de observação, que ocorreu na Escola Estadual Manoel Queiroz Benjamin que diante da sugestão da equipe da secretaria da escola acerca de algumas

¹⁰ É atriz e Professora efetiva da Universidade Federal do Amapá. Licenciada em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua em diferentes áreas, como por exemplo, direção teatral, dramaturgia, dentre outras.

turmas as quais poderia estagiar, devido a questões de logística pessoal escolhi trabalhar com alunos do 4º ano.

Além da escolha da turma, observou-se também outros aspectos importantes dos alunos no que diz respeito a relação tanto com os colegas quanto com a professora, tais como, a forma como a sala de aula e a escola era organizada, o modo como o conteúdo era repassado para eles, além do espaço físico da escola. E, através de conversa com a professora supervisora do estágio durante esse período foi-me sugerido trabalhar através da linguagem teatral, a temática das Máscaras, assunto presente no livro didático distribuído aos alunos.

Após o período de observação fiquei me questionando de que forma trabalharia as questões sugeridas, quais caminhos tomaria para realizar as regências. Assim, fui revisitar as disciplinas pelas quais passei anteriormente para realizar a montagem do plano de estágio. Com isso, cheguei à disciplina de Prática Pedagógica I que foi ministrada pelo professor Dr. Emerson de Paula¹¹. Nessa disciplina, estudei questões referentes a pedagogia do teatro, foram abordadas questões do Jogo Dramático e jogo teatral, que dentre os livros disponibilizados para leitura de tais assuntos para os alunos estava o que foi escrito por Ricardo Japiassu intitulado *“Metodologia do Ensino de teatro”*. Dentre as questões abordadas por ele, está em sua parte final, formas de se trabalhar o jogo teatral em sala de aula com propostas adaptadas por ele a partir de jogos teatrais criados por Viola Spolin.

Porém, como o meu foco não era o Jogo teatral e sim o teatro e as Máscaras teatrais, não trabalhei tal questão de forma aprofundada durante a regência, o utilizei nos primeiros dias de aula apenas como suporte introdutório da linguagem teatral para que os alunos que anteriormente nunca tiveram contato com tal linguagem pudessem ter essa primeira experiência.

Dessa forma, algumas questões interferiram no processo de aplicação dos jogos. Dentre elas, está o tempo destinado para a realização das atividades. O que fez com que alguns aspectos desse assunto que foram abordados não alcançassem os objetivos esperados. Por exemplo, não trabalhei com os alunos aspectos de alongamento e aquecimento tão aprofundado, o que faria

¹¹ É professor efetivo da universidade federal do amapá do curso de licenciatura em teatro. Possui licenciatura em artes cênicas pela Universidade de Ouro Preto (UFOP). Possui especialização em acessibilidade Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/MINC) e em Estudos Afro-Brasileiros pela Pontifícia Universidade católica de Minas Gerais (PUC/Minas). É mestre em artes da cena pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Tem Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP).

com que o corpo ficasse mais disposto e disponível para o jogo. Não foi trabalhado aspectos do foco e da concentração, o que faria com que os alunos se aprofundassem na imaginação, não consegui trabalhar formas de superar a timidez de muitos alunos, dentre outras.

Outra questão importante está relacionada com o espaço da sala de aula, que era preenchido por carteiras, o que limitou demais o desenvolvimento do processo com o jogo teatral. Organizar tal espaço requer tempo e muito esforço, tanto por parte do professor, quanto dos alunos porque seria preciso retirar todas as carteiras de dentro da sala e colocá-las no corredor, o que iria interferir diretamente na transição das outras pessoas pela escola, visto que na sala havia um quantitativo de mais de 30 carteiras. Também não quis pedir ajuda dos alunos para arrastá-las ou carregá-las para fora visto que isso poderia causar algum problema com outras turmas ou com a direção da escola devido ao barulho e a ocupação de outros espaços. Dessa forma, apenas as amontoamos no canto da sala, o que fez com que o espaço para a realização do jogo ficasse limitado e a movimentação dos alunos se restringisse a uma pequena parte.

Apesar das questões e dificuldades citadas anteriormente, tal assunto me chamou atenção pela forma como a turma se envolveu no processo de realização dos jogos, e de como questões importantes foram trabalhadas a partir dele, como por exemplo, a expressão corporal, a relação entre os alunos, a ampliação do diálogo entre a turma, o respeito para com as ideias do colega, dentre outras. Claro que os resultados poderiam ser ainda mais positivos.

Outra experiência com os jogos teatrais se deu durante o estágio supervisionado III, com a turma do 7º ano A, do ensino fundamental II, os quais também estudavam na Escola Estadual Manoel Queiroz Benjamin. Porém, diferentemente da turma do 4º ano, no estágio Supervisionado I, a metodologia se deu de forma ainda mais condensada e superficial, foram pulados alguns aspectos importantíssimos que estão para além da realização do jogo em si. Porque, acredito que, para que se possa realizar um jogo teatral, o diálogo e a “quebra de gelo” entre a turma e com o professor são imprescindíveis e fará com que se crie confiança entre ambos e, assim, possam ser abertos caminhos para se trabalhar os aspectos que envolvem os jogos. Porém, isso não foi respeitado por mim.

Além do mais, não trabalhei aspectos de foco e concentração, alongamentos e aquecimentos, questões de relações cooperativas em que a turma possa superar suas diferenças e resolver as questões que seriam propostas nos jogos de forma coletiva, além do aspecto fundamental que é o respeito para com o que o colega está fazendo.

Nesse estágio, a grande maioria da turma não quis participar do processo dos jogos, o que deixou claro a forma abrupta com que realizei tal metodologia. Evidentemente que naquele momento no qual estava finalizando minha regência não havia o que ser feito porque não dava mais tempo, visto que no ensino fundamental II é ainda mais corrido, pois só são destinadas duas horas semanais por turma para a disciplina de artes, mas acredito que se o processo ocorresse em um período maior, em que as coisas pudessem ser repensadas e analisadas, poderiam fluir por um outro caminho e chegar a outros resultados.

Porém, trabalhar o teatro através do jogo teatral foi uma forma de quebrar a rotina dos alunos, engessada nos formatos tradicionais, onde as carteiras são organizadas em fileiras e em grande parte os estudantes se encontram em uma posição de passividade sem uma participação mais ativa e de protagonismo. Tiveram muitas problemáticas que poderiam ter sido evitadas ou aspectos que poderiam ser trabalhados de uma outra forma. Porém, isso abriu caminho para a minha pesquisa.

A partir dessas experiências decidi investigar como se daria a aplicação dos jogos teatrais de uma forma em que cada etapa do processo seja respeitada. Por exemplo, haveria possibilidade de se destinar o tempo adequado para que houvesse o aprofundamento do trabalho corporal, através de exercícios e jogos de alongamento e aquecimento. Em seguida, seria trabalhado os aspectos que envolvem o foco e a concentração através do estímulo sensorial por meio de ações, exercícios, o que faria com se estimule também aspectos da imaginação. Adiante, aspectos que envolveriam o trabalho individual e coletivo de improvisação. Dentre muitas outras questões.

Assim, o jogo teatral nesta investigação será o foco principal, porém sendo sustentado e realizado por outros pilares como as relações interpessoais, a concentração e a expressão corporal, que serão acionados e estimulados para que as trocas e as descobertas não sejam superficiais, mas sim profundas e ricas. Portanto, meu incomodo com a forma como o ensino de artes era desenvolvido na escola sempre me moveu para essa pesquisa, as experiências que tive como aluno foram muito limitadas e superficiais, por isso acredito que em um campo tão vasto e rico, explorar outras possibilidades pode mudar a vida de uma criança.

Os jogos teatrais possuem diversos caminhos para serem explorados. Novas experiências podem ser vivenciadas de forma profunda e verdadeira com a linguagem teatral, por mais que os participantes nunca tenham tido contato tal linguagem. Os horizontes podem

ser abertos para além de um contato restrito com o campo das artes que não se resume apenas em pintar e desenhar.

3. CAP. 02: CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO DE TEATRO NO BRASIL

A arte sempre manteve uma relação intrínseca com o ser humano, que através dela pode se expressar, se comunicar, se relacionar com os outros indivíduos, dentre outras coisas. O teatro, como forma de manifestação artística da humanidade também esteve presente ao longo da história que passou por diversas mudanças ao longo do tempo, sejam elas de cunhos sociais, econômicos, culturais, dentre outros.

O teatro inúmeras vezes parece uma expressão em crise. Em certas épocas quase perde o sentido. Em outras é perseguido. Às vezes refugia -se em pequenas salas escuras, às vezes sai para as ruas e redescobre a luz do sol. Sua função social tem sido constantemente redefinida. Desde muitos séculos antes de nossa era até hoje, nunca deixou de existir: há algum impulso no homem, desde seus primórdios, que necessita deste instrumento de diversão e conhecimento, prazer e denúncia (Peixoto, 1985, p. 07).

Ou seja, mesmo diante de desafios que muitas vezes quase o fizeram sucumbir, sempre buscou se adaptar à realidade do meio social e histórico que estava inserido como forma de se manter vivo. Com isso, estabeleceu sua relação com a educação como forma não só de superar os desafios que puseram sua existência em risco, mas também como instrumento importantíssimo no processo de ensino e aprendizado, contribuindo para um processo educativo que perpassa por diferentes camadas individuais e coletivas do ser humano.

3.1. O ENSINO DE TEATRO - DOS PRIMEIROS ANOS DE COLONIZAÇÃO AS REFORMAS DE MARQUÊS DE POMBAL.

No Brasil, a forma como entendemos o teatro hoje e a sua relação com a educação teve início com a colonização em meados dos anos 1500, com a chegada dos Portugueses, que diante da realidade percebida por tais, encontrou no teatro uma forma de lidar com os habitantes nativos da região e como forma de impor sua cultura a eles.

Vale salientar que a “formação” dos nativos estava diretamente ligada à sua colonização, era a missão dos jesuítas na terra, “salvar” o indígena da condenação. Ferraz e Fusari (2009, p.41) escrevem que “as residências e os colégios se tornam verdadeiras escolas – oficinas”, lugares onde o indígena ia ser formado como que

formavam “artesãos e pessoas para trabalhar em todas as áreas fabris”. De certo modo, era uma formação para o trabalho, para a subserviência (Ferraz; Fusari, apud Saldanha e Vieira, 2020, p.12).

Tal função foi exercida pelos padres Jesuítas deslocados pela igreja católica inicialmente no ano de 1549, os quais eram membros da chamada companhia de Jesus, que fora fundada quinze anos antes, no ano de 1534 por Inácio de Loyola (Saldanha e Vieira, 2020). Servia também como ferramenta de formação da mão de obra para os trabalhos destinados pelos colonos.

Com a passagem do tempo a sociedade tende a se modificar e essas modificações tendem a exigir que aspectos sociais importantes como a educação também sofram mudanças. A necessidade de uma educação voltada para as elites se fazia presente, visto que a colonização estava se expandindo. Com a nomeação de Marquês de Pombal como ministro da colônia por Portugal, foi implementada mudanças significativas no processo educacional Brasileiro a partir dos 1750, dentre elas, pode-se citar a expulsão dos Jesuítas da liderança na condução do processo educacional e o confisco de suas escolas, e a criação de impostos como subsídio para manter a educação. (Saldanha e Vieira, 2020).

Durante o período pombalino, foram criadas também as primeiras universidades brasileiras, voltadas claro, para a elite colonial que excluía as camadas mais pobres da sociedade. Essas universidades estavam sediadas na Bahia e no Rio de Janeiro.

Adiante, foram instituídas algumas mudanças no campo das artes. “Após o período pombalino, foi criado por D. João VI a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios em 1816, adotando a França como uma referência artística, por isso a vinda da missão francesa” (Saldanha e Vieira, 2020, p. 14). Assim, tinha-se a ideia de que através da arte iriam ocorrer mudanças sociais e culturais significativas a partir daquele momento. Porém, o ensino de artes no ensino primário só foi implementado após a instituição delas no ensino superior que visava a preparação dos indivíduos para o trabalho. (Saldanha e Vieira, 2020)

3.2. TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS DO SÉCULO XX: DO ESCOLANOVISMO À DITADURA MILITAR.

Mais à frente, durante o século XX com o processo de ampliação da escolarização, o teatro começou a ser repensado como ferramenta pedagógica e trouxe para o campo da

educação novas formas de articular caminhos de aprendizado que agrega aspectos sensoriais, físicos, psicológicos, dentre outros.

Essa nova abordagem do ensino do teatro, essencialista ou estética, fundamentou-se na especificidade da linguagem teatral e, ao mesmo tempo, buscou compreender seus princípios psicopedagógicos. O eixo dessa perspectiva pedagógica teatral é a compreensão do teatro como sistema de representação semiótica, como forma de expressão artística e linguagem acessível a todo ser humano - e não apenas a um pequeno grupo de iniciados (profissionais de teatro ou aficionados do teatro amador) (Japiassu, 2008, p.28).

Também no século XX novas tendências pedagógicas surgem como forma de reestruturar a forma como as artes são trabalhadas dentro de sala de aula, não mais se limitando a preceitos tradicionais da educação. O movimento Escolanovismo exerceu papel importante nesse período.

O movimento ficou conhecido no Brasil como Escola Nova, encabeçado por Anísio Teixeira. Este movimento buscava transformar a escola em uma verdadeira ferramenta de mudança social onde o indivíduo participa ativamente do processo educativo.

Não podemos separar o escolanovismo das concepções desenvolvidas por John Dewey. Para ele, a educação é o único instrumento capaz de construir uma sociedade verdadeiramente democrática. (...) Influenciado por Dewey, Anísio Teixeira compreende a sociedade como uma organização em constante transformação cultural, econômica, política etc. Desse modo, cabe a escola desenvolver indivíduos capazes de refletir sobre essa sociedade, de modo que possam se inserir nela com responsabilidade diante do coletivo (Saldanha e Vieira, 2020, p.14).

E que apesar das ideias escolanovistas trazerem o aluno mais para o centro do processo de aprendizagem, houve críticas e o surgimento de modelos de propostas pedagógicas espontaneístas no processo de ensino e aprendizagem em arte, ou seja, são atividades como os chamados “desenhos livres” em que docentes apenas deixam que estudantes se expressem livremente sem fazerem intervenções em seus processos, na crença de que os sujeitos nascem com aptidões espontâneas para o livre expressar, independentes dos processos pedagógicos.

Assim, esse movimento destaca o papel importante que a escola exerce na sociedade como instrumento de transformação social e de difusão dos aspectos democráticos aos cidadãos. Esse movimento, trouxe modificações significativas para o ensino de artes. Porque trouxe novos paradigmas do campo artístico para a educação. “É só com o movimento *Escola Nova*

que o papel do teatro na educação escolar, particularmente na educação infantil, adquire *status* epistemológico e importância psicopedagógica.” (Japiassu, 2008, p.26)

Em 20 de dezembro de 1961 foi aprovada a LEI nº 4.024, a primeira Lei de diretrizes e Bases da Educação do Brasil, a qual foi a partir dessa lei que o teatro foi inserido no currículo da educação formal das escolas de forma não obrigatória por meio de uma disciplina chamada arte dramática (Gohn e Hansted, 2013).

Adiante, com o advento da ditadura militar no Brasil em 1965, grandes mudanças aconteceram na sociedade brasileira, que perduraram até meados de 1985 com a redemocratização. Esse período foi marcado por mudanças que incluíram o campo da educação e das artes. Para Saldanha e Vieira, (2020, p.16) “Nesse contexto, a educação na ditadura foi caracterizada pela pedagogia tradicional, com foco na técnica e na memorização de conteúdo. Propôs-se uma concepção de educação voltada para a formação profissional, para a preparação de estudantes para a indústria”.

Porém, essa mudança esbarrou em um grande problema que vinha se arrastando desde antes desse período, que foi a falta de formação adequada por parte dos professores no campo das artes, o que levou as escolas a tomarem atitudes como preencher as vagas com profissionais sem formação adequada para a área, ocasionando a grandes problemas para essa área de ensino. Se na corrente Escolanovista, o foco era na formação artística enquanto expressão humana e de mudanças sociais, na ditadura militar, o que se via era uma forma voltada para a técnica ligada ao mercado de trabalho.

3.3. NOVOS RUMOS DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO DE TEATRO NO BRASIL: A APROVAÇÃO DA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO DE 1996.

Com a volta de redemocratização e com o fim da ditadura militar em meados dos anos 1980 no Brasil, novos rumos foram tomados pela sociedade brasileira, a educação e as artes foram diretamente influenciadas por essas mudanças.

(...) A partir dos de 1980, o Brasil começou a viver um novo momento político, a retomada do processo de redemocratização e a promulgação da nova constituição trouxeram diversas mudanças sociais, influenciando a educação. Propôs-se mudanças educacionais com foco na democracia, acesso, universalização, garantia de qualidade, gestão democrática etc. Em vista disso, surge uma tendência que ficou conhecida como tendência pedagógica da redemocratização (...) (Saldanha e Vieira, 2020, p.16).

Um dos momentos mais importantes da história da educação brasileira e que causou mudanças significativas no que tange os direitos dos cidadãos foi a promulgação da constituição federal no ano de 1988 que traz em seu texto no artigo 6º a educação como um direito social (Brasil, 1988). Além disso, “**Art. 205.** A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (Brasil, 1988, cap. III art. 205, p 20) Ou seja, a população tem garantia por lei o acesso à educação gratuita e de qualidade, independente da região e da condição financeira, é um direito que o Estado deve garantir para todos.

Tendo em vista o processo de reabertura do regime político com o fim da ditadura militar e a aprovação da nova constituição, que possibilitou a ampliação das discussões acerca da ampliação dos direitos da população, incluindo o acesso a uma educação gratuita e de qualidade e, começou-se então a se discutir de forma ampliada a aprovação de uma nova Lei de Diretrizes e bases da educação no Brasil sendo aprovada no ano de 1996 no congresso nacional, mesmo com as discussões acerca de sua aprovação não terem chegado ao fim.

A nova LDB ou lei 9.334-96, que tinha como um dos inúmeros desafios, possibilitar o acesso à educação de qualidade aos cidadãos de todo o Brasil. Com a aprovação de tal lei, as artes ganham novos rumos no campo da educação, Japiassu destaca alguns pontos importantes.

- 1) No parágrafo segundo do artigo 26 (capítulo II, seção I), a *obrigatoriedade* do "ensino de arte" nos diversos níveis da educação básica; 2) No artigo 92 das Disposições Transitórias, a *revogação* do Parecer 540/77 (que desautorizava a reprovação do aluno em *educação artística* nas séries de 1º e 2º graus - atuais ensinos fundamental e médio); 3) No inciso IV do artigo 24, o direito de se criarem *turmas multisseriadas* (alunos de séries distintas) para o "ensino de línguas estrangeiras, artes ou outros componentes curriculares" (Japiassu, 2008, p.66).

Assim, diferente da LDB de 1971 que obrigava o ensino da Educação Artística apenas para os níveis Fundamental e Médio, a LDB de 96 inclui todos os segmentos da educação básica. Isto altera a perspectiva de formação de profissionais para atuar em tais setores, por exemplo.

3.4. O ENSINO DE TEATRO NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.

Dois anos após a aprovação da nova LDB, no ano de 1998, foram aprovados os Parâmetros curriculares Nacionais (PCN), um importante documento que tinha como função auxiliar os professores da educação na forma como lidar com os assuntos dos campos do conhecimento, incluindo as artes. O documento contou em sua elaboração, com a participação de diversos educadores, o que possibilitou traçar novos rumos para se alcançar uma educação de qualidade. “(...) Na proposta do PCN de Arte, por meio das linguagens inerentes às Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, o documento explicita conteúdos, objetivos e especificidades, tanto no que se refere ao ensino e à aprendizagem, quanto no que se refere à arte como manifestação humana.” (Rosseto e Wisniewski, 2021, p.1515)

Esse documento trouxe em seu conteúdo designações importantes, e separou o campo das artes em quatro linguagens importantes, sendo elas, as artes visuais, o teatro, a música e a dança, cada área contendo informações acerca dos aspectos normativos que a escola poderia agregar em seu currículo. As artes nos PCNs tomaram novas características bem abrangentes, pois tal documento abordou as diferentes linguagens artísticas, como o teatro, a dança, a música e as artes visuais levando em consideração suas especificidades e seus diferentes assuntos e formas de serem abordadas.

A área de Arte dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais situa-se como um tipo de conhecimento que envolve tanto a experiência de aprender arte por meio de obras originais, de reproduções e de produções sobre a arte, tais como textos, vídeos, gravações, entre outros, como aprender o fazer artístico. Ou seja, entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também compreender o que fazem e o que os outros fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, no contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura na história humana e como conjunto de relações [...] (Brasil, 1998, p. 43).

Assim, as diferentes linguagens artísticas possibilitam diferentes abordagens e metodologias com diferentes objetivos dentro do processo educacional possibilitando a inserção do aluno nessa área do conhecimento através do fazer, da contextualização histórica e da apreciação do material artístico.

3.5 O ENSINO DE TEATRO NA CONTEMPORANEIDADE: A NOVA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.

Recentemente, no ano de 2018 houve a aprovação da Base Nacional Comum curricular (BNCC), que visa criar uma base comum aos currículos das escolas brasileiras, sejam elas

públicas ou particulares, ou seja, os alunos do Rio grande do Sul assim como os do estado do Amapá poderão ter acessos os mesmos conteúdos, adaptados de acordo com as especificidades de cada região.

[...] em 2018 ocorre a aprovação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, como objetivo de nortear a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares de todo o país, indicando as competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes ao longo do percurso escolar. Por conseguinte, com base na BNCC, as escolas públicas e privadas passam a ter um núcleo comum de orientações e perspectivas de aprendizagem com a intencionalidade de preparar o estudante para uma formação integral, sobretudo, um cidadão que compreenda, reflita e atue na sociedade (Rosseto; Wisniewski, 2021, p.1516).

Com isso, esse documento também traz mudanças significativas para o campo das artes, que busca fazer com que o ensino delas nas escolas ocorra de forma mais ampla, abordando as diferentes linguagens artística desde o ensino fundamental I. O ensino e o aprendizado não deverão ter um foco apenas voltado para as artes visuais, mas deve abranger também as linguagens da dança, da música e do teatro, e as artes integradas, onde os alunos deverão ter o acesso a uma educação polivalente nesse sentido. Assim, para a linguagem do teatro, segundo Rosseto e Wisniewski (2021, p.1519) “O documento assinala propostas cênicas para o ensino do teatro em sala de aula, destacando a importância do pensar e realizar coletivamente e, a participação dos estudantes em momentos como atuantes e como espectadores, possibilitando também, a experiência de formação de plateia.”

No entanto, sabe-se que são inúmeros os desafios para que de fato as normativas presentes na BNCC estejam presentes no cotidiano escolar. Problemas como a falta de contratação adequada de profissionais que possam exercer função específica de cada área, mesmo com a ampliação de profissionais formados e capacitados em cada área, ainda persiste, o que leva a uma atuação ainda polivalente do professor de artes dentro de sala de aula, além de levar a uma abordagem muito mais abrangente das artes visuais em detrimento das demais, visto que a maioria dos profissionais da artes presentes nas escolas possuem formação nessa área.

Nesse contexto, cabe destacar que ainda se faz necessário ampliar o espaço da linguagem teatral como componente curricular. Destaca-se que a área das Artes Visuais permanece como linguagem artística privilegiada na grande maioria das escolas brasileiras. Acrescente-se que, frequentemente, o teatro na escola é ofertado exclusivamente em projetos voltados para atividades extracurriculares e também

como apêndice ou auxiliar de outras disciplinas, consideradas como mais importantes (Rosseto e Wisniewski, 2021, p.1525).

Com isso, as propostas de modificação presentes na BNCC ainda terão um longo período a ser percorrido até serem percebidas nos currículos da maioria das escolas brasileiras. Isso porque, existem diversos fatores além dos já citados anteriormente que influenciam diretamente nisso, como por exemplo, mudanças estruturais nas escolas para que o ensino se dê de forma eficaz, além da valorização dos campos artísticos como forma de conhecimento humano.

Assim, a trajetória feita pelo ensino de teatro vem sofrendo diversas modificações ao longo da história. Sabe-se que ainda há muita coisa a ser modificada para que este faça parte definitivamente dos currículos das escolas, porém há importantes sinalizações dos órgãos oficiais acerca dessas questões que muitas vezes se fazem presente nos documentos oficiais distantes muitas vezes da realidade presenciada nas escolas.

4. CAP. 3.: SOBRE O JOGO TEATRAL E SUA APLICAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL MANOEL QUEIROZ BENJAMIN

4.1 - O JOGO TEATRAL NA ESCOLA

O exercício da prática teatral em sala de aula pode ser realizado com base em diversas metodologias tais como o drama, os jogos teatrais, técnicas do teatro do oprimido, dentre outras, logo, existem diversas formas de abordar a linguagem teatral dentro de sala de aula, podemos abordá-lo de forma prática e teórica, através da criação de dramaturgia, abordando a sua história ao longo dos séculos, através da investigação de movimentos corporais etc. A metodologia de aplicação dos jogos teatrais é uma prática importantíssima para o campo da linguagem teatral, que pode ser trabalhada por profissionais para a construção de um espetáculo, e por demais pessoas em contextos diversos, com intuito de promover um contato inicial com a linguagem teatral. Assim:

Os jogos teatrais são procedimentos lúdicos com regras explícitas. (...) No jogo teatral, o grupo de sujeitos que joga pode se dividir em equipes que se alternam nas funções de "jogadores" e de "observadores", isto é, os sujeitos jogam deliberadamente para outros que os observam. (...) no jogo teatral, o processo de representação dramática ou simbólica no qual se engajam os jogadores desenvolvem-se na ação improvisada e os papéis de cada jogador não são estabelecidos a priori, mas emergem das interações que ocorrem durante o jogo (Japiassú, 2008, p. 25).

Assim, uma das principais referências no que tange essa abordagem é a autora Estadunidense, nascida na cidade de Chicago em 1906 Viola Spolin. Para Ingrid e Arão (2005, p.147), “O termo *theater game* (jogo teatral) foi originalmente cunhado por Viola Spolin em língua inglesa. Mais tarde ela registrou o seu método de trabalho como Spolin Games. (...)” ou seja, a autora foi uma das precursoras da sistematização desse método para que fosse utilizado por diferentes pessoas ao redor do mundo, e que influencia trabalhos de diferentes pessoas até os dias atuais.

Por isso, este trabalho terá a autora e pesquisadora Viola Spolin como uma das referências principais, e seu livro “*Improvisação para o teatro*” e “*Jogos Teatrais – O fichário de Viola Spolin*”, que foram traduzidos para o Brasil pela professora Ingrid Dormien Koudela (2015), servirão como base para a elaboração do projeto. A autora trabalha aspectos importantes como a improvisação teatral, a expressão corporal e a interação entre os alunos, aspectos estes

que ajudam os alunos a trabalharem habilidades expressivas, comunicativas e de respeito com os colegas.

Assim, apesar das dificuldades que podem ser encontradas no ambiente da escola e na sala de aula para o ensino de arte, como a falta de espaços adequados para a prática teatral, a disponibilidade de tempo necessária para que o processo possa ser trabalhado de forma aprofundada, dentre outros, estas podem ser superadas com bastante diálogo, tanto entre o educador e os alunos, quanto com as pessoas que trabalham na escola. Para isso, se faz importante um planejamento macro e micro por parte do professor, onde aspectos como o tempo e o espaço são levados amplamente em consideração.

Os jogos teatrais podem trazer frescor e vitalidade para a sala de aula. As oficinas de jogos teatrais não são designadas como passatempos do currículo, mas sim como complementos para a aprendizagem escolar, ampliando a consciência de problemas e ideias fundamentais para o desenvolvimento intelectual dos alunos (...) (Spolin, 2015, p. 29).

Portanto, o jogo teatral pode se tornar um grande aliado no processo de ensino e aprendizado de diversos elementos da linguagem teatral que poderão ser trabalhados através dos mesmos, além de ampliar as possibilidades de diálogo e interação no ambiente de sala de aula, aspectos importantíssimos para o desenvolvimento educacional.

4.2 SOBRE O PROJETO E O CONTATO COM A ESCOLA.

Tendo em vista a necessidade de um local para a aplicação do projeto que serviria como base para o meu trabalho de conclusão de curso, aproveitando o contato que tive durante a realização do Estágio Supervisionado II no ano de 2022 com a Escola Estadual Manoel Queiroz Benjamin, a escolhi novamente para tal ação.

Para isso, retornei à escola para uma conversa prévia com a direção sobre a possibilidade da realização desse projeto, e como forma de contextualizá-los sobre como ele se daria. Fui recebido pela direção e acertamos que realizaria o projeto durante quatro dias de oficina no mês de junho de 2022. Além disso, conversamos também sobre a possibilidade de um público-alvo, expliquei a eles que poderiam ser alunos na faixa etária de 9 a 13 anos de idade. Assim, foi-me sugerido alunos do 5º e 6º ano do ensino fundamental, que eram as turmas que talvez estariam disponíveis nos dias da realização do projeto. Combinamos que seria interessante que a turma

tivesse em média 15 alunos e seria passada uma lista de inscrição nas turmas para verificar quantos alunos demonstraram interesse.

Antes de dar início ao processo, retornei à escola novamente para fechar os acordos definitivos sobre o local, o público-alvo, horário de realização e dias de oficinas com a direção escolar.

Como durante a realização do estágio supervisionado II, nos períodos de observação e regência, tive contato com o ambiente escolar, pude observar que a escola é constituída por salas de aula, um refeitório com mesas e cadeiras para que os alunos possam lanchar, um campo de futebol sem cobertura, um pátio amplo sem cobertura, corredores, sala de professores, uma biblioteca pequena, direção, sala da coordenação pedagógica, sala da secretária, dentre outras instalações, isso me fez questionar quais seriam os espaços adequados para a realização do projeto.

Em conversa com a direção, fui informado de que havia uma sala de aula disponível no período da tarde e que poderia ser usada, porém ela contava apenas com dois ventiladores para refrescar o ambiente, os quais poderiam não serem suficientes para tal função.

Sobre o público-alvo, pensei sobre meu período de estágio e da relação que tive com os alunos do 5º ano, com faixa etária de 9 a 13 anos, decidi ficar apenas com essa turma, visto também que os estudantes já se conheciam da rotina escolar e que pelo tempo que tinha disponível, essa questão seria de suma importância e que envolver outras crianças de uma outra turma demandaria um processo longo de desenvolvimento das relações, para que todos pudessem se enturmar e realizar trocas uns com os outros sem muitas resistências.

A professora responsável pela turma que era a mesma que havia me acompanhado durante o Estágio II, se dispôs a me ajudar e a conversar com os pais, via aplicativo de mensagens (WhatsApp) sobre esse assunto e a me dar a resposta o quanto antes, sobre a disponibilidade dos alunos. Porém, ela me informou também que nem todos os alunos poderiam participar porque alguns dependem do transporte escolar e pela parte da tarde esse transporte não chegava até a casa deles.

Após a conversa da professora com os pais, foi dado o aval positivo para a participação de alguns alunos na oficina. Como a intermediação foi feita entre a professora e os pais, não senti a necessidade de fazer ficha de inscrições, visto que no primeiro dia de oficina poderia ter um panorama de quem e quantas crianças participaram do processo. Essa turma do 5º ano, é formada por alunos numa faixa etária de 9 a 13 anos.

Fechado público-alvo, decidi realizar a oficina nos dias 19, 20, 21 e 22 de junho de 2023 no horário de 14:30 às 17:00 horas. Optei por duas horas e meia de oficinas para que nos dias de projeto os alunos tivessem um tempo de descanso entre a aula que ocorria pela manhã e a oficina e não voltassem tarde para casa após a finalização do processo. A metodologia foi pensada para ser realizada durante 4 dias de oficina, de forma a abordar alguns aspectos relacionados ao jogo teatral de Viola Spolin.

Dessa forma, busquei trabalhar de forma processual, com destaque em três aspectos: relação, concentração e expressão corporal. O desenvolvimento das relações dos indivíduos com o grupo se deu visto que muitos dos jogos teatrais propostos pela autora requerem atividades em duplas ou em grupos. O trabalho de concentração também é essencial porque ela auxilia o aluno na manutenção do foco (ou ponto de concentração) presente nos jogos teatrais, pois o aluno terá que direcionar a sua atenção para esse POC durante o processo de realização do jogo. O foco em Viola Spolin está vinculado a atenção sobre a resolução de problema. É o lugar onde eu preciso colocar/direcionar a minha energia (atenção/concentração). O foco diz o que fazer. O trabalho com a expressão corporal, torna-se importante porque o corpo possui papel essencial no trabalho de improvisação. E a partir desses três aspectos busquei o trabalho com o próprio jogo teatral.

Como forma de me auxiliar no andamento do processo elaborei quatro planos de aulas, os quais estão disponíveis em anexo, neles também estão contidas as descrições de alguns jogos baseados nas fichas de jogos de Viola Spolin. Assim, para o primeiro dia de oficina, planejei trabalhar de forma a desenvolver a comunicação no grupo para que os participantes pudessem se conhecer melhor, visto que apesar de no cotidiano escolar eles fazerem parte de uma mesma turma, alguns alunos tendem aprofundar relações com uns colegas e desenvolver pouca relação com outros.

Para o segundo dia, planejei trabalhar aspectos da concentração, para que pudesse ter um panorama de como os alunos lidam com tais aspectos, dada a sua importância para a realização dos jogos. Para o terceiro dia, planejei abordar aspectos da expressão corporal para que os alunos pudessem buscar explorar formas diferentes do cotidiano de se comunicar e se movimentar corporalmente. Para o quarto e último dia, planejei abordar os jogos teatrais de forma mais profunda, e articulando os aspectos que foram trabalhados nas aulas anteriores. Os dados do trabalho realizado ao longo desses quatro dias serão abordados a seguir.

4. 3 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA REALIZADA

4.3.1 Análise do primeiro dia de projeto

O primeiro dia de projeto foi realizado no dia 19 de junho de 2023. Para este dia o processo metodológico foi pensado de forma a fazer com que a interação e a comunicação, dentro de sala de aula fossem ampliadas.

Ademais, para que o processo de ensino possa ser desenvolvido, é necessário que o professor/oficineiro conheça o público com o qual está lidando e é preciso também fazer um diagnóstico das individualidades presentes no ambiente, pois em um grupo há aqueles que costumam falar mais, que tendem a ser mais expressivos, a serem mais tímidos e retraídos. Assim, deve-se perceber como esses alunos se comportam dentro desse ambiente para que assim possa se planejar as atividades e de que forma elas podem ser conduzidas e aplicadas. Dessa forma, levando em consideração essas questões, busquei nessa primeira aula fazer esse panorama da turma.

Logo no primeiro dia de projeto, precisei ressignificar o espaço de sala de aula pois me deparei com um desafio que também fora enfrentado no Estágio Supervisionado: como trabalhar os jogos teatrais dentro de sala de aula? Visto que o espaço físico desse ambiente na forma como estava organizado cotidianamente limitava muito o desenvolvimento prático do projeto.

Segundo Camilo (2016, p.15) “As aulas, portanto, se iniciam com a formação em círculo como estratégia de democratização da participação e horizontalidade nas relações do grupo, perspectiva fundamental para os jogos teatrais (...)”. Em acordo com esse pensamento acreditei que organizar a sala em círculo me permitiria estabelecer um espaço mais democrático e permitiria que a participação estudantil se tornasse mais leve e espontânea possibilitando a sua ampliação.

Como forma de tornar a energia na sala de aula mais espontânea, comecei a conversar com os alunos de forma descontraída, fazendo perguntas relacionadas ao cotidiano deles como por exemplo, “o que eles haviam comido no almoço antes de ir para a oficina?”. “Como foi a aula pela manhã?”, dentre outras. Isso fez com que as tensões fossem aos poucos sendo deixadas de lado e os alunos começaram a se soltar e a conversar comigo.

Me apresentei para a turma, visto que apesar de eu já ter feito o estágio supervisionado com eles, seria uma forma de reaproximação e de conhecimento dos novos alunos entraram esse ano na turma. Falei sobre o que era o projeto, sobre meu planejamento em relação às aulas e sobre a importância da participação deles nesse processo. Esse momento foi importante para que as dúvidas fossem esclarecidas e para que os alunos embarcassem no processo de forma séria e participativa. Além disso, busquei criar um ambiente no qual eles pudessem me conhecer melhor e, assim, começassem a desenvolver confiança no meu processo, para que diante dos exercícios propostos se disponibilizassem a realizá-los de forma leve e espontânea.

Solicitei que os alunos também se apresentassem, pedi que falassem seus nomes e a idade. Esse momento foi utilizado para que os alunos pudessem dialogar e se conhecer melhor.

Tendo em vista que muitos dos jogos teatrais propostos por Viola são baseados no trabalho coletivo tanto na função de jogares como na função de plateia a integração é essencial. E para que isso ocorra, é preciso que essas relações, e esse conhecimento do outro seja trabalhado, para que também a confiança e o respeito para com o colega sejam construídos dentro desse processo.

O teatro é uma atividade artística que exige o talento e a energia de muitas pessoas desde a primeira idéia de uma peça ou cena até o último eco de aplauso. Sem esta interação não há lugar para o ator individualmente, pois sem o funcionamento do grupo, para quem iria ele representar, que materiais usaria e que efeitos poderiam produzir? O aluno-ator deve aprender que "como atuar", assim como no jogo, está intrinsecamente ligado a todas outras pessoas na complexidade da forma de arte. O teatro improvisacional requer relacionamento de grupo muito intenso, pois é a partir do acordo e da atuação em grupo que emerge o material para as cenas e peças (Spolin, 2010, p. 09-10).

Assim, organizar os alunos para fazer com que eles possam trabalhar em grupo, junto com o colega, mesmo nos exercícios menos complexos é de suma importância para o andamento do processo. Para isso, é preciso também que o aluno esteja aberto a interações. E assim, como no cotidiano extraescolar, as relações entre eles dentro da sala de aula também podem ser desenvolvidas e ampliadas.

Dada a importância deste desenvolvimento das relações, estava pensando em como desenvolveria tal momento. E refletindo sobre as minhas relações diárias, nas conversas cotidianas e na forma como busco ter uma conversa com as pessoas que costumo não ter contato e busco conhecê-las melhor, achei interessante realizar entre os alunos uma entrevista.

Antes de iniciar a atividade da entrevista, continuei com o bate-papo com a turma, mas agora com o intuito de esclarecer algumas questões referentes a realização da atividade. Durante

o meu estágio supervisionado, percebi que na hora de explicar determinados assuntos, a professora utilizava muito as referências cotidianas dos alunos, e isso fazia com que o que estava sendo proposto fosse entendido com mais facilidade.

Nesse momento, tivemos que dar uma pausa na atividade da entrevista para que pudéssemos fazer a mudança de espaço por sugestão da diretoria, pois havia uma outra sala de aula disponível, de uma turma do 7º ano do ensino fundamental II que fora liberada mais cedo nesse dia, com ar-condicionado que ajudaria aliviar o calor que estávamos sentindo naquele dia.

Assim retomando com o planejamento da aula, expliquei no que consistia uma entrevista. Tomei como referência os telejornais, dessa forma, perguntei aos alunos se eles assistiam televisão, jornais, o que havia em um jornal, se eles observavam quem fazia as perguntas, como eram feitas as perguntas, dentre outras questões.

A partir das respostas dos alunos, comecei a elaborar a contextualização da atividade. Expliquei que em determinadas entrevistas se busca saber o nome da pessoa, o que ela faz. Ou seja, é uma forma de conhecer melhor a pessoa e apresentar algumas características sobre o seu comportamento e sobre o que ela gosta de fazer. Também expliquei a eles como funcionaria a atividade: Os alunos deveriam formar duplas, de preferência com pessoas que eles não possuem muitas relações no cotidiano escolar, em seguida passaria um questionário e cada participante deveria copiá-las em seu caderno. Adiante, um aluno, no papel de entrevistador deveria fazer as perguntas e o outro aluno, na posição de entrevistado, iria responder aos questionamentos. Após esse momento, os papéis deveriam ser invertidos, assim, todos os alunos fariam o papel de entrevistador e entrevistado. Ao final das entrevistas haveria o compartilhamento das repostas que os alunos deram durante essa atividade.

Informei a eles que para o prosseguimento da atividade eles deveriam formar duplas para realizá-la. Dessa forma, logo percebi que alguns alunos começaram a conversar e a se planejar para realizá-la juntos. Como forma de garantir um contato diversificado entre a turma e para que os alunos pudessem realizar esta atividade da entrevista com colegas que geralmente não costumam se relacionar no cotidiano propus para a turma um sorteio, para isso, solicitei que escrevessem seus nomes em um papel e me entregassem. Foi um momento divertido, e que me ajudou a memorizar os nomes dos alunos mais rapidamente.

Como ocorreram resistências por parte de determinados alunos, pois não queria realizar a atividade com o colega selecionado, tive que explicar sobre a importância de realizar a

atividade dessa forma. Com isso, aos poucos e com a minha insistência os alunos foram entendendo o desafio e começaram a aceitar as regras da atividade.

Após o sorteio solicitei que os alunos escrevessem as perguntas em seus cadernos, as quais eram:

“Qual seu nome?”. “Qual a sua idade?”. “O que você gosta de fazer?”. “O que você gosta de comer?”. “Onde você mora?”. “O que você gosta de comer?”. “Você gosta de falar muito?”. “Você gosta de falar muito em casa ou na escola?”. “Você tem vergonha?”. “Você gosta de brincar?”. “Você gosta de brincar de quê?”. “Você é muito bagunceiro ou comportado?”.

Havia planejado escrever no quadro as perguntas, como forma de exercitar a escrita e a leitura por parte dos alunos, porém acabei não levando o pincel, o qual é o material necessário para que se possa realizar tal ação. Dessa forma, como forma de dar continuidade a atividade, me recordei dos tempos em que estudava na escola, em que os professores trabalhavam com ditado. A atividade ocorreu de forma lenta e demorou mais do que eu esperava, pois tive que ir auxiliando individualmente os alunos que enfrentavam dificuldades de escrita e leitura.

Como a atividade estava sendo realizada em duplas e havia percebido que alguns alunos não tinham muitos problemas as questões de escrita, aproveitei e pedi que eles também para auxiliarem os colegas da sua dupla. Assim, esse momento propiciou, para além da entrevista em si, um importante momento de troca entre a turma, pois os alunos com menos dificuldades não se negaram a ajudar o colega.

Após a finalização da escrita das perguntas por parte dos alunos em seus cadernos, passamos para a realização da atividade da entrevista na qual todos os alunos, deveriam passar pelo papel de entrevistador e de entrevistado e registrar a resposta dos colegas em seus cadernos, para isso foi estabelecido um tempo de 30 minutos que não foi suficiente, pois como alguns alunos apresentavam dificuldades na hora da leitura e tiveram que novamente serem auxiliados por mim para que pudessem realizá-la. Além disso, como nem todas as dúvidas foram sanadas durante a explicação inicial, tive que ir esclarecendo a eles no decorrer do processo.

Foi uma atividade bem-sucedida, todos alunos conseguiram realizá-la, todos focaram no que tinha para ser feito. Apesar da falta de afinidade entre algumas duplas, no decorrer da realização da atividade os alunos conseguiram desenvolver afinidades na hora da realização do processo. Como forma de ampliar o processo comunicativo dentro de sala de aula reorganizei

o espaço para que todos os alunos ficassem de pé e propus o momento de compartilhamento das respostas das duplas obtidas durante a atividade da entrevista para toda a turma.

Dando continuidade a este objetivo de compartilhamento das respostas obtidas nas entrevistas e a energia de interação entre a turma fosse ampliado, realizei um momento de alongamento, aquecimento corporal e vocal, baseados nas minhas experiências em disciplinas práticas no curso de teatro como expressão corporal e voz e dicção, visto que durante grande parte da aula os alunos permaneceram sentados. Foi um momento muito divertido e proveitoso no qual os alunos se soltaram mais, pois os exercícios foram realizados sem muitas resistências e de forma coletiva, apesar de que em determinados momentos o riso se fazia inevitável levando em consideração que eles não estão acostumados a fazer esses exercícios cotidianamente.

Ainda em círculo, solicitei aos alunos que observassem os colegas como forma de gerar confiança, visto que na etapa de compartilhamento das respostas obtidas nas entrevistas os alunos precisariam se expor diante da turma. Foi um momento difícil tendo em vista que no cotidiano de sala de aula, quando as carteiras estão enfileiradas uma atrás da outra o campo de visão é limitado e não observamos todos os colegas de forma direta durante a aula. Além disso, em determinados momentos os alunos buscavam desviar o olhar, ou olhando para o chão ou para a parede. No entanto, com a minha insistência em relação ao objetivo do exercício, que é de se observar, aos poucos essa resistência foi sendo quebrada.

Adiante, expliquei a eles como funcionaria esse momento de compartilhamento das respostas obtidas durante a atividade da entrevista: Primeiramente dividi a turma entre palco e plateia, pedi que os alunos que formaram um trio ficassem de pé diante do restante da turma e desse início a esse momento de compartilhamento das respostas. Dessa forma, eles deveriam ler cada pergunta e em seguida ler as respostas referentes a esses questionamentos de forma solta, espontânea e descontraída. Ou seja, eles deveriam apresentar seus colegas de grupo para o restante da turma.

Assim, levando em consideração que muitos dos alunos presentes na aula não costumam ficar expostos, têm dificuldades de se expressarem, seja verbalmente ou corporalmente, dei algumas dicas de como eles deveriam realizar esse momento. Para isso, expliquei a eles que há várias possibilidades de nos comunicarmos uns com os outros e de expressar determinadas ações. Falei que assim como usamos a nossa voz para realizar o processo comunicativo, também podemos utilizar o corpo.

De início os alunos sentiram um pouco de dificuldade nesse momento de compartilhamento das repostas, alguns ficaram receosos, não conseguiam falar muito. Com isso, ao longo da atividade fui instigando a buscarem formas corporais de se expressar, falei que eles poderiam usar os braços, poderiam se movimentar na área do exercício. Também poderiam direcionar as respostas dos colegas de seu trio, que foram obtidas no momento da entrevista, para a plateia.

Como para esse dia havia planejado duas horas e meia de aula, nem todos os alunos conseguiram compartilhar as respostas dos colegas de dupla ou trio obtidas durante a realização da atividade da entrevista, pois o tempo já havia se esgotado e com isso deixei para o dia seguinte à finalização de tal exercício.

Além disso, havia planejado uma roda de conversa final com a turma para entender como os alunos estavam recebendo os conteúdos da aula e percebendo tal processo, dentre outras coisas, e devido ao tempo não consegui realizá-la, finalizei a aula me despedindo da turma.

4.3.2 Análise do segundo dia de projeto

Planejei trabalhar no segundo dia de projeto os aspectos de concentração, o qual foi realizado no dia 20 de junho de 2023. A autora Viola Spolin propõe aspectos importantes acerca da funcionalidade e do desenvolvimento dos jogos, sendo um desses aspectos o ponto de concentração ou foco, e que segundo a autora “O Ponto de Concentração atua como um catalisador entre um jogador e outro, e entre o jogador e o problema” (2010, p. 21). Assim, o ponto de concentração faz com que o aluno jogue com o colega mantendo a sua atenção voltada para a realização do jogo.

Por exemplo, em um dos jogos propostos por Viola Spolin, e que foi usado por mim durante a oficina, o foco ou ponto de concentração é “Sentir o contato com a parte do corpo indicada”. Ou seja, no decorrer do exercício, a partir das instruções, o aluno deslocará seu foco para determinada parte do corpo e deverá senti-la. Isso fará com que ele mantenha a energia necessária e poderá realizar o jogo sem muitas dificuldades.

(...) O foco é o ponto de concentração onde o ator-jogador deve voltar sua atenção durante o desenrolar do jogo. É também um dos principais elementos de um jogo, uma criação de cena, um ensaio, enfim, ter foco naquilo que está sendo proposto é uma concentração necessária para que o jogo aconteça. Com a atenção voltada para um

ponto específico ou para outra pessoa, o docente terá um maior direcionamento do que pretende fazer. (Leite, 2016, p. 20)

Assim, tendo em vista que a concentração é um aspecto importante para que o aluno mantenha o foco, visto que o aluno deverá direcionar a sua atenção para que mantenha o POC, e levando em consideração o lugar em que o projeto estava inserido, observei que aquele ambiente escolar costumava ser barulhento, por estar havendo aulas em outras turmas. Além disso, queria ter o panorama de como o público-alvo do projeto lidaria com isso, antes de adentrar efetivamente em jogos teatrais com regras e o ponto de concentração definidos.

Para o primeiro momento de aula propus que a turma se sentasse em círculo no chão e aproveitando as perguntas que foram trabalhadas nas entrevistas na aula anterior, trabalhei de forma que os alunos que não compareceram na aula anterior se apresentassem respondendo às perguntas já elaboradas na entrevista, visto que não tínhamos tempo para passar pelo mesmo processo da aula anterior de forma aprofundada. Esse momento também foi utilizado para esperar os alunos que chegaram atrasados, pois o exercício de concentração que eu iria propor precisaria da participação de todos, para que a energia não fosse quebrada.

Aproveitando a roda em que estávamos o expliquei sobre o que vinha a ser concentração e qual a sua importância na hora da realização dos exercícios, para isso tomei como exemplo, algumas situações presentes dentro de sala de aula.

Em seguida solicitei que eles se deitassem no chão, fechassem os olhos e tentassem relaxar, ficar em silêncio e se concentrassem na respiração. Mas, como nesse dia os alunos estavam muito mais agitados do que no dia anterior, as conversas paralelas, as risadinhas em determinados momentos se davam de forma muito ampliada, eles não conseguiram realizar o que foi solicitado de forma imediata, e com isso tive de solicitar de forma mais firme que pudessem continuar o exercício, e mesmo assim, nem todos estavam conseguindo.

Além disso, tive que pausar o exercício para fazer a troca de espaço para uma outra sala com uma climatização realizada por ar-condicionado, o que fez com que eu tivesse que reorganizar o espaço e os alunos ficassem ainda mais agitados. Com isso, tive que ser ainda mais firme para que pudesse retomar o trabalho que estava sendo realizado anteriormente. Apesar da dificuldade e com os ajustes que estavam sendo feitos ao longo do processo, fui aos poucos conseguindo realizar a atividade. Para fazer com que eles conseguissem entrar em um estado de concentração mais profundo, pedi que se concentrassem na respiração. Para isso, fui auxiliando cada um deles. Falei para eles prestarem atenção no movimento de encher a barriga

de ar e soltá-lo pelo nariz. Esse processo ajudou bastante, pois percebi que os alunos conseguiram fechar os olhos e fazer silêncio por um longo período.

Estava com a expectativa de que seria um momento simples, sem muitas preocupações, talvez porque eu estivesse com a visão de um acadêmico de teatro, e na universidade pelas minhas experiências em determinados momentos em que foram propostos exercícios de concentração os alunos rapidamente conseguiram se concentrar. Porém, como o público que eu estava lidando era diferente dos acadêmicos com as quais tive contato, além de que os estudantes daquela escola não eram acostumados a realizar o tipo de exercício que eu estava propondo, fez com que a atividade demorasse muito mais do que eu esperava e o exercício parecia algo muito mais complexo.

Como em um determinado momento do exercício os alunos estavam bem concentrados após o pedido que fiz de se concentrar na respiração, solicitei a eles que comessem a prestar atenção nos barulhos dos espaços, como o som do ar-condicionado, na voz das pessoas que estavam conversando nas outras salas, no som do grito que vinha de alguns alunos das outras turmas, dentre outras. Além disso, eu peguei alguns materiais como papéis para rasgar, arrastar o pé no chão para fazer barulho, pedi que eles tentassem ao máximo permanecer com os olhos fechados independente do barulho que eles ouvissem. Foi um momento que funcionou muito bem, os alunos estavam bem concentrados na atividade, apesar do começo conturbado, aos poucos eles conseguiram ficar em silêncio e a se concentrar.

Adiante, comecei a trabalhar a imaginação, para isso, solicitei que eles imaginassem o gosto e o cheiro do café que eles costumam tomar pela manhã. O gosto do açaí, da mortadela, do peixe-frito, que foi algo que apareceu muito nas respostas dos alunos na entrevista que fora realizada no dia anterior. Trabalhei esse processo pensando que poderia relacioná-lo em breve com jogos mais complexos em que os alunos necessitassem criar e encenar determinadas situações com regras estabelecidas, e que para isso seria preciso demonstrar para a plateia, seja com a voz ou com o corpo, comecei a introduzir algumas sensações e explorar os sentidos, que serviriam como futuras referências para eles. Foi um momento bem tranquilo, como os alunos tinham um foco, que era o de imaginar e relembrar determinados gostos, eles permaneceram em silêncio e com os olhos fechados.

Dando continuidade à aula, após sentir que os alunos conseguiram se concentrar. Comecei a introduzir o trabalho com a expressão corporal. Pedi que eles comessem a movimentar o corpo de forma bem lenta, e que deveriam iniciar movimentando apenas os dedos

dos pés e das mãos. O exercício não saiu como eu queria, pois, muitos alunos começaram logo a movimentar as mãos e as pernas, insisti algumas vezes que tentassem movimentar apenas os dedos, porém desisti e deixei que os movimentos comessem a fluir por parte dos alunos de forma espontânea.

Assim, pedi que eles fossem aos poucos movimentando o resto do corpo, porque como eles haviam passado um bom tempo no processo de concentração, algumas partes do corpo estavam adormecidas e era preciso despertá-las.

O exercício estava fluindo, os alunos estavam focados em movimentar cada parte do seu corpo, porém como alguns alunos chegaram bastante atrasados, isso fez com que a energia conquistada durante o exercício de concentração fosse quebrada. Com isso, as conversas paralelas voltaram, as risadinhas que já tinham sido amenizadas se faziam presentes e tive que realizar novamente de forma breve o exercício de concentração com os alunos. Assim, pedi-lhes que ficassem sentados, com os olhos fechados e respirassem e buscassem se concentrar.

Em alguns momentos expliquei a importância da concentração individual para o coletivo, pois se não conseguimos fazer silêncio, ficamos toda hora rindo e de conversa com o colega do lado, isso vai reverberar por toda turma e atrapalha o colega que está tentando se concentrar.

Como o tempo estava correndo, não pude me aprofundar muito novamente nesse exercício e tive que dar continuidade a aula, mas pude observar que aqueles alunos que estavam presentes desde o início da aula, conseguiram se concentrar no exercício mais rapidamente, diferente dos alunos que chegaram atrasados.

Continuando, comecei a trabalhar alguns jogos de Viola Spolin. O primeiro jogo foi o **Exposição (A1)**¹², para isso, segui as instruções presentes no livro. “*Jogos teatrais - O fichário de Viola Spolin*”. Dividi a turma em dois grupos, um que ficaria no palco e o outro como plateia. Esse jogo não tinha um ponto de concentração, porém os alunos deveriam apenas ficar em pé na frente dos colegas sem fazer nada, apenas seriam observados. Fui instruindo os alunos, tanto aqueles que estavam na frente, quanto aqueles na plateia. Falei sobre a importância da observação e de olhar para o colega. Em vários momentos os alunos buscavam desviar o olhar, olhar para a parede ou para o chão, porém insisti que eles observassem os colegas, que eles buscassem manter o olhar na plateia.

¹² Ver plano de aula Nº 2 em anexo na página 69.

Em determinados momentos haviam alguns alunos que queriam chamar a atenção para si, faziam movimentos exagerados. Com isso, instruí a não fazer esse tipo de movimento, tive que retomar a fala sobre a importância do trabalho individual para o coletivo, visto que ele não estava lá na frente sozinho. Senti um desconforto por parte dos alunos que estavam sendo observados, a todo momento tentava desviar o olhar, alguns tentavam se esconder atrás dos colegas, virar de costas. Foi difícil fazê-los se concentrar e se observar.

E, quando senti que eles estavam conseguindo manter o olhar no colega, pedi que contassem os objetos em silêncio, porém, nem todos seguiram minhas instruções pois começaram a contar em voz alta. Por isso, tive que explicá-los que essa contagem deveria ocorrer apenas mentalmente, visto que eles ainda estavam sendo observados. E que essa contagem ajudaria a diminuir o desconforto. Para isso, dei um tempo para que pudessem realizar tal exercício. Após esse tempo falei que eles poderiam se sentar.

A instrução do jogo é que se faça uma roda de conversa logo após a exposição do primeiro grupo, porém como o tempo estava corrido, decidi deixar esse momento para depois que todos os alunos realizassem o momento de ir lá na frente antes. No entanto, conversei brevemente com eles sobre a importância de respeitar as regras do jogo, e sobre o quanto importante é o respeito por parte de quem está na plateia observando. Falei que qualquer risada, conversinha que a plateia faça pode gerar consequências e dificuldades para os colegas, visto que isso faria com os retraíssem e sentissem vergonha.

Com o segundo grupo, senti que o jogo fluiu de forma mais espontânea, observei que as instruções dadas ao primeiro grupo foram captadas por tais. Eles conseguiram se concentrar, ninguém fez brincadeiras para chamar a atenção para si. Não tive que intervir para chamar a atenção deles. Assim, após solicitar que eles contassem os objetos, encerrei o jogo.

Após esse momento do segundo grupo, solicitei que todos ficassem em pé de frente para o outro e se observassem. Assim, observei que o desvio no olhar aumentou, senti que os alunos estavam um pouco inquietos, apesar de ter conseguido fazer com que eles se observassem no momento anterior. Orientei para que mantivessem essa posição por alguns minutos. Após isso, realizei uma pequena roda de conversa sobre a experiência. Senti que deveria ter dado um direcionamento melhor as perguntas, buscado relações e exemplos para que os alunos pudessem refletir melhor sobre aquilo que eles estavam fazendo. Nesse momento, me deparei com uma dificuldade, pois poucos alunos respondiam as perguntas. Muitos alunos ficaram em silêncio. Senti que o diálogo ficou muito centrado em mim.

No entanto, fiz algumas perguntas à turma, como por exemplo: “O que eles sentiram no momento que estavam sendo observados?”. “Se eles conseguiram manter a concentração no momento do exercício?” Alguns alunos responderam que se sentiram desconfortáveis, que sentiram vergonha, sono etc. Alguns falaram que não conseguiram manter a concentração por causa de algumas atitudes dos colegas.

Nesse momento senti que deveria ter feito mais questionamentos, ter instigado mais os alunos a refletir sobre tal momento. Por exemplo, buscar realizar uma discussão acerca de como os alunos se sentiram no primeiro momento sem o foco estabelecido e após a solicitação para que eles contassem os objetos. Assim, senti que esse momento foi muito breve e corrido, e que ele poderia ser desenvolvido por mais tempo. No entanto, como eu estava muito preocupado com o tempo e queria cumprir com o planejamento, nem me aprofundei tanto.

Após a roda de conversa, realizei mais um jogo com a turma: **sentindo o eu com o eu (A2)**¹³ que também está no fichário de Viola Spolin. O foco do jogo é sentir o contato com a parte do corpo indicada. Segui a descrição contida no fichário e solicitei que os alunos fizessem uma roda com as carteiras e permanecessem sentados e dei algumas instruções para a turma, como: Sinta a carteira na qual você está sentado. Sinta a roupa que estás vestido etc.

Como meu tempo estava acabando, comecei a trabalhar junto com esse jogo alguns jogos que havia selecionado para aquele momento e que observei que poderiam funcionar juntos, como o jogo: **Ouvindo o ambiente (A3)**¹⁴ e **extensão da audição (A4)**¹⁵. Porém, enfrentei dificuldades pois os alunos não estavam conseguindo se concentrar no ponto de concentração, pois são exercícios parecidos e que requerem a mesma qualidade de intenção, de foco e de energia, senti que estava havendo resistência por parte de alguns alunos para com a realização das propostas.

Penso que a ideia de juntar os jogos nesse momento não funcionou, pois eles requerem focos e orientações diferentes, e devido a essa questão de juntá-los, comecei a dar instruções demais aos alunos, e isso dificultava a concentração. Além disso, como eles não estavam conseguindo fazer silêncio isso atrapalhou o desenvolvimento do processo dos outros alunos. Dessa forma, decidi encerrar os exercícios. Dessa forma, tive que ir em busca de outros recursos para aproveitar o tempo que ainda me restava e assim pensei em trabalhar com exercícios que

¹³ Ver plano de aula N° 2 em anexo na página 69.

¹⁴ Ver plano de aula N° 2 em anexo na página 70.

¹⁵ Ver plano de aula N° 2 em anexo na página 70.

exigem trabalhar a atenção, o foco no coletivo e a agilidade individual. E que me recordei de ter trabalhado na faculdade.

O primeiro exercício se deu da seguinte forma: Os alunos deveriam se observar, e com o olhar direcionado escolher uma pessoa para trocar de lugar, porém a pessoa não deveria ir para o lugar dessa pessoa que a escolheu, mas sim ir em busca do lugar da outra pessoa seguindo a mesma regra da anterior. Para facilitar o entendimento dos alunos, participei do início ao jogo. Porém, mesmo com o meu exemplo os alunos sentiram dificuldades em realizá-lo, visto que eles desviavam o olhar, olhavam para duas pessoas ao mesmo tempo e isso gerava confusão. Assim, tive que pausar e reiniciar o jogo várias vezes. Após perceber que os alunos estavam começando a entender o jogo, começaram a se olhar mais e dar um direcionamento para o olhar, coloquei mais uma regra: Além de observar os colegas e a direcionar o olhar, eles deveriam também chamar o nome do colega para o qual ele iria se dirigir para trocar de lugar. Isso facilitou e fez o jogo fluir de forma mais ágil.

Esse momento foi bem divertido, observei que os alunos se envolveram bastante na realização do jogo, mesmo aqueles que anteriormente desviaram do foco do exercício conseguiram entrar na energia com o grupo.

Após esse jogo, observei que havia selecionado um jogo do fichário de Spolin que poderia funcionar para aquele momento: **Passa-passa Gavião (A18)**¹⁶. Como eu não sabia muito bem a música que era sugerida no fichário e meu tempo estava acabando, busquei trabalhar com uma música simples e que fez parte da minha infância chamada Pai Francisco¹⁷. E como forma de facilitar a memorização pelos alunos, trabalhei apenas alguns versos.

Nesse momento, os alunos ficaram muito mais agitados do que anteriormente, alguns corriam pela sala, faziam grupinhos para conversar. Com isso, tive que ser bem duro e chamar a atenção para que pudessem voltar para a realização do jogo que estava sendo proposto. Como o jogo era agitado, senti que eles aproveitaram esse momento para se agitarem ainda mais.

Percebi também que, como a aula estava terminando, eles estavam ficando cada vez mais ansiosos para ir embora por isso não me prolonguei muito na aplicação desse jogo de

¹⁶ Ver plano de aula Nº 2 em anexo na página 70.

¹⁷ PAI FRANCISCO – GALINHA PINTADINHA 3 OFFICIAL. Vídeo. 2min04s. Publicado pelo canal Galinha Pintadinha. **Youtube**. 9 jul. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FrRL0rrE1E> Acesso em: 28 ago. 2023

encerramento da aula. Dessa forma, consegui realizar o jogo, porém tive que intervir em vários momentos para que eles pudessem se manter em fila e cantassem a música.

Como o tempo havia se esgotado, liberei os alunos para irem para a casa. Nesse dia a escola não disponibiliza lanches para as crianças, porém eu havia levado um lanchinho para elas e utilizei os últimos momentos para que as crianças pudessem comer.

Para esse dia havia planejado dar continuidade na atividade que estava sendo realizada na aula anterior. Como ao chegar na escola fui informado que por questões internas da escola, haveria uma reunião da coordenação com os professores e por isso as aulas teriam que ser adiantadas, inclusive a do meu projeto, não dei continuidade a atividade realizada na aula anterior que havia planejado.

4.3.3 Análise do terceiro dia de projeto

O terceiro dia de projeto foi realizado no dia 21 de junho de 2023. Ao chegar na escola, fui informado de que não poderia usar a sala a qual estava destinada para a realização do meu projeto, visto que algumas turmas estavam realizando um ensaio fotográfico nesse mesmo espaço, porém havia uma outra sala disponível na escola. Como não queria gerar estresse e nem confusão com a escola, aceitei ir para lá.

No entanto, esse espaço era muito quente, a sala não era climatizada com ar-condicionado e contava apenas com dois ventiladores que não davam conta de refrescar o espaço e as janelas não eram abertas de forma ampla, o que dificultava a entrada e saída de ar e deixava o lugar ainda mais abafado. Isso afetou a aula porque os alunos sentiam sede. Com isso, tive que fazer algumas pausas para que eles pudessem beber água e ir ao banheiro.

Outra coisa importante a se destacar é que como no dia anterior os alunos estavam bem inquietos, conversei com a professora responsável pela turma sobre o comportamento deles, para saber como eu poderia lidar com isso. Ela me informou que conversaria com a turma sobre essa questão. Durante a aula percebi que a conversa da professora com os alunos surtiu efeito, visto que nesse dia eles ficaram mais tranquilos e estavam realizando as atividades propostas de forma mais respeitosa e sem muita resistência. Inclusive alguns alunos que estavam muito inquietos na aula anterior me pediram desculpas e me informaram que iriam tentar ao máximo fazer com que aquele tipo de comportamento não se repetisse.

Para esse dia planejei explorar mais os aspectos da expressão corporal, mas trabalhando a partir daquilo que fora explorado na aula anterior. Dessa forma, destinaria um momento para que os alunos pudessem se concentrar, para explorar as relações interpessoais, seja em dupla ou em um grupo e pudessem investigar as possibilidades de movimentações corporais.

O corpo é um dos principais instrumentos de trabalho do ator, muito se pode explorar e comunicar através dele. “Expressão corporal e gestual: Em teatro, utiliza-se o corpo e o gesto para transmitir significados ou mensagens. Existem vários jogos que podem estimular uma maior flexibilidade e agilidade do indivíduo para expressar seus movimentos e sentimentos.” (PINTO, 2013, p. 12)

Dessa forma, assim como o processo comunicativo de forma verbal pode ser estimulado, o processo de exploração do corpo para que possa se tornar muito mais comunicativo também pode se dar através de estímulos. Para isso, muitos dos jogos propostos por Viola Spolin trabalham com essa questão, a qual se utiliza o conceito de fisicalização presente em seu livro *Improvisação para o teatro*.

A proposta não é que o aluno vá se livrar totalmente da comunicação verbal, mas irá explorar outras possibilidades de comunicação para com os outros indivíduos. Esse exercício pode se dar através dos jogos teatrais onde o aluno deverá criar determinadas situações que serão encenadas de forma improvisada e espontânea, sem um planejamento prévio das ações que desenvolverá, tendo a noção possibilidades comunicativas do seu corpo que podem ser investigadas é de suma importância.

Com base no conceito proposto por Spolin, Japiassu (2001, p. 83), explica a importância do desenvolvimento da capacidade corporal do jogador para que a plateia de observadores consiga visualizar questões estabelecidas durante a realidade da cena, as quais podem ser um objeto, um lugar, uma sensação, um sentimento, dentre outras coisas. E com base nessas questões e levando em consideração a importância da concentração para o processo, além de ter em vista que alguns alunos haviam faltado na aula anterior, retomei o exercício de concentração trabalhado na aula passada. Porém como o meu foco para esse dia não era esse, perpasssei por ele de forma não tão aprofundada, mas buscando explorar de forma mais sutil as transições de um exercício para outro, para que o trabalho inicial não fosse totalmente perdido, como aconteceu na aula anterior.

No primeiro momento, como aconteceu nas aulas anteriores, organizei a sala para que pudesse realizar as atividades planejadas para esse dia. Dessa forma, com a ajuda dos alunos, arrastei as carteiras para os cantos e abri um espaço no centro da sala. Como senti que no final

da aula passada eles estavam agoniados, não estavam gostando muito do processo de concentração, realizei uma conversa breve para explicar a importância de tais exercícios para o andamento do processo e do porquê repeti-los nesse dia.

Adiante, dando início ao exercício de concentração solicitando que os alunos se deitassem no chão, fechassem os olhos, utilizei uma música para estimulá-los a se concentrar. Com isso pedi a eles que prestassem atenção nela, o que os ajudou bastante, pois os alunos não estavam abrindo os olhos, não estavam inquietos, estavam mexendo muito menos o corpo. Para esse momento, me propus falar menos para que não os atrapalhasse.

Além disso, fui em cada aluno para trabalhar a respiração de forma diafragmática, como pensei que seria difícil explicá-los o que vinha a ser tal conceito naquele momento, apenas solicitei que eles enchessem a barriga de ar e soltasse pelo nariz, da forma como eles fizeram na aula anterior.

Como mencionado anteriormente sobre a questão do calor no ambiente, em alguns momentos os alunos me solicitaram irem beber água. Como tinha consciência dessas questões permiti, porém solicitei serem breves, pois levando em consideração que todos os alunos que me solicitaram tal questão haviam levado garrafas para armazenar água e não precisam ir até o bebedouro, o que não afetou muito o andamento do processo individual de concentração.

Observei que diferente do dia anterior os alunos estavam conseguindo se concentrar mais, fizeram bastante silêncio e a música estava ajudando no processo, prolonguei esse momento mais do que havia planejado.

De forma lenta e sutil, solicitei aos alunos que começassem a se mexer como se eles estivessem acordando, e com isso fui trabalhando a imaginação, pedi a eles para que eles imaginassem o cheiro do café que costumam tomar antes de ir à escola.

Como no dia anterior, alguns alunos também chegaram atrasados, isso afetou um pouco o andamento do processo, pois eles não estavam concentrados e estavam atrapalhando a concentração dos colegas. Porém, aos poucos, mesmo que não da mesma forma que os outros alunos, eles conseguiram seguir com o exercício.

Após esse momento, pedi que os alunos fossem levantando-se, bem lentamente para não quebrar de forma brusca o processo de concentração. Com isso, fizemos um círculo em pé e solicitei a eles que fizessem massagem nas costas do colega que estava a sua frente. Percebi que os alunos que chegaram depois estavam a todo momento perdendo o foco do exercício de

massagear. Tive que insistir para que eles pudessem prestar atenção no que eles estavam fazendo e qual era o objetivo da proposta.

Também tive que instruir a turma para não agir de forma maldosa e violenta com o colega, aquele exercício era um exercício de relaxamento e respeito, e assim como eles queriam que os outros tomassem cuidado com eles, eles deveriam tomar cuidado com o outro. Ou seja, é um exercício para se trabalhar de forma recíproca e com respeito. Com isso, aos poucos os alunos deram prosseguimento com cuidado na massagem que estava fazendo.

Pedi que os alunos fizessem duplas com o colega que estava ao seu lado e que fosse escolhido uma pessoa para se deitar no chão e o outro continuaria com a massagem que se expandiu para outras partes do corpo como as pernas e os braços e como forma de facilitar o processo, visto que uns alunos são mais altos que os outros. Foi um momento muito tranquilo e como observei uma participação ativa dos alunos, prolonguei esse exercício também.

E mesmo nas duplas formadas por pessoas que cotidianamente não costumam se relacionar, por mais que em alguns momentos eu observasse uma certa resistência por parte deles, aos poucos foram-se embarcando no processo e tendo cuidado com os outros. Apesar das risadas e das conversas, todos se dedicaram para realizar o exercício.

Após todos serem massageados e massagearam o próprio corpo, para despertar a musculatura, realizei um momento de alongamento e aquecimento corporal. Foi um momento muito divertido e que funcionou muito bem, não houve resistência por parte dos alunos em realizar os exercícios, porém a roupa que eles estavam usando limitava o alongamento do corpo.

Além disso, nesse momento chegaram outros alunos, isso fez com que as pessoas que estavam, desde o começo da aula, desviassem a atenção para esses colegas, além de que como eles não passaram por todo o processo de concentração, não estavam conseguindo focar na realização dos exercícios que foram pedidos. Apesar disso, dei prosseguimento no exercício pois após esse momento da chegada dos colegas e com a minha insistência para que os alunos voltassem a ter atenção com os exercícios a maioria conseguiu participar do prosseguimento da aula.

Como estava muito quente após esse momento dei uma pausa de alguns minutos para que os alunos pudessem ir ao banheiro e beber água. E aproveitei esse momento para conversar com os alunos de forma breve. Perguntei sobre o processo de concentração, de imaginação. Obtive respostas como: “Hoje consegui me concentrar mais que ontem” “Consegui imaginar o cheiro do café”. “Consegui sentir o chão”.

Após a pausa, para reativar a energia, pedi que os alunos sacudissem todo o corpo imaginando como se tivessem formigas subindo pelas pernas, indo para os braços e para a cabeça e eles tentassem se livrar delas. Foi um momento muito divertido e que ajudou a chamar a atenção dos alunos novamente para a aula, pois observei que mesmo aqueles alunos que estavam desanimados com o processo conseguiram se entusiasmar novamente.

Aproveitando os jogos propostos por Viola Spolin, trabalhei o jogo: **Caminhada no espaço 1 (A6)**¹⁸, mas de uma forma diferente da qual estava sendo proposta em seu fichário. Se lá o foco era sentir o espaço com o corpo todo, nessa aula levando em consideração minha experiência na universidade, pedi a eles que apenas mantivessem o olhar para frente e observassem os colegas. Assim, meu intuito com o jogo era fazer com que os alunos interagissem com o olhar.

Foi um exercício difícil, pois da mesma forma que ocorreu no exercício **Exposição (A1)** aplicado na aula anterior, neste os alunos buscavam desviar o olhar. Como nessa sala tinham alguns cartazes nas paredes, alguns livros em uma prateleira, eles buscavam desviar o foco do olhar para esses objetos. Ou seja, havia uma resistência por parte deles em seguir o foco do jogo. Penso que se tivesse mantido o foco do jogo como está no fichário, esse momento teria se desenvolvido melhor.

Além disso, observei que os alunos que chegaram atrasados não estavam conseguindo se concentrar no jogo, principalmente um aluno que não fazia parte da turma e que veio acompanhar a amiga pois após a aula ensaiaram quadrilha. E além de estar conversando e rindo com alguns alunos, isso fazia com os colegas que estavam se esforçando para realizar o jogo não conseguirem se concentrar.

Com isso, tomei uma atitude que não queria tomar, mas que foi importante para o andamento do processo visto que esse aluno estava atrapalhando demais o restante dos colegas, que foi solicitar que ele se retirasse da área do jogo e se sentasse. Poderia ter tomado outros tipos de atitude, como por exemplo, pausar o exercício e conversar com a turma, ou apenas com esse aluno, e retomar toda aquela conversa que tive ao longo das aulas anteriores acerca do respeito individual para com o coletivo, a importância da concentração para a realização do jogo. No entanto, foi o que me veio à cabeça naquele momento, pois imaginei que seria muito difícil fazer com que o aluno entrasse na mesma energia dos colegas, visto que ele não havia passado pelo mesmo processo que os outros passaram desde o começo da aula.

¹⁸ Ver plano de aula Nº 2 em anexo na página 71.

Após esse momento continuei com o jogo de **caminhada no espaço 1 (A6)**, pedi aos alunos que tomassem cuidado com os colegas e os informei que para que eles não se batessem, eles teriam que se observar e aumentar o estado de atenção. Além disso, pedi que eles modificassem as direções da caminhada, que não ficassem apenas andando em círculo, expliquei a eles que eles poderiam andar de costas, de lado, da direita para a esquerda. Também solicitei que modificassem a velocidade da caminhada.

Para verificar se eles estavam focados na realização do jogo, comecei a adicionar pausas na caminhada. E isso fez com que se trabalhasse o estado de alerta dos alunos, pois além de tomar cuidado para não se baterem, eles teriam que prestar atenção na hora que eu solicitasse essa pausa. Voltei a trabalhar a imaginação com os alunos, solicitei que eles comessem a imaginar um espaço cheio de buracos. Pedi que eles prestassem atenção nas formas que o corpo adquiria nos momentos que eles tentavam desviar desses buracos, solicitei que prestassem atenção em como aquele corpo caminhava por entre aqueles buracos imaginários tentando não cair.

Após o exercício da caminhada, deveria ter feito uma pausa de alguns minutos e feito uma roda de conversa para buscar entender como que aquele processo todo havia chegado nos alunos, buscar me informar sobre como eles sentiram o corpo durante a caminhada, dentre outras coisas, como é proposto no fichário de Spolin, porém novamente estava com a ideia na cabeça de que deveria cumprir o máximo com o planejamento feito para esse dia. Isso fez como eu não tivesse essas respostas importantíssimas da turma.

Após o exercício de caminhada, apliquei o jogo: **Pular corda (A22)**¹⁹, proposto por Spolin no fichário. Modifiquei a descrição do jogo presente no fichário e dividi a turma em trios, e entre palco e plateia, pois como a turma era pequena e facilitaria trabalhar as instruções de forma mais direcionada. Porém mantive o foco do fichário que é manter a corda no espaço - fora da cabeça, ou seja, é um jogo no qual trabalharia a fisicalização de um objeto com os alunos.

Senti um pouco de dificuldade na sua realização, pois os alunos estavam com dificuldades de sentir essa corda, de manter a corda entre eles na área de jogo, e no decorrer do desenvolvimento do jogo do primeiro trio tive que ir instruindo, tanto é que demorou um pouco para que os alunos pudessem entender o foco do jogo. Aos poucos fui instigando os alunos a sentirem o peso, a textura, a observar os colegas que estavam realizando o jogo para que eles

¹⁹ Ver plano de aula N° 3 em anexo na 73.

pudessem observar a velocidade que o outro girava a corda para que assim esse movimento pudesse entrar em sincronia e ficar claro para as pessoas que estavam observando. Além disso, em alguns momentos tive que chamar atenção dos alunos que estavam observando o jogo, pois estavam conversando muito e isso poderia atrapalhar as pessoas lá na frente.

Após esse primeiro grupo, realizei um momento de conversa com os alunos, e assim como em momentos anteriores, monopolizei a fala, não abri espaço para que os alunos pudessem falar, e como ocorreu na aula anterior realizei esse momento de forma breve pois queria cumprir com o cronograma e fazer com que todos os alunos da turma participassem desse jogo.

Como forma de fazer com que o público pudesse observar a corda no espaço, assim como os alunos lá na frente mantivessem o ponto de concentração, solicitei que tanto os jogadores quanto a plateia comessem a cantar uma música. Assim que os alunos em situação de jogo começaram a cantar, a plateia também começou a cantar, e isso fez com que todos os alunos imediatamente prestassem atenção no exercício, o grupo que estava em situação de jogo conseguiu entrar em sincronia. Não foi preciso que a toda hora eu interviesse, além de tornar a realização do jogo mais espontânea. E assim, diferente do que aconteceu com o primeiro grupo, foi possível observar que os alunos conseguiram manter a corda entre eles, pois conseguiram manter a atenção no foco. E, como a turma era pequena, todos os alunos puderam realizar o jogo, todos tiveram a oportunidade de ser jogador e observador.

Após esse jogo, fiz uma pausa novamente para que os alunos pudessem beber água e ir ao banheiro. Com isso, aproveitei para ter uma conversa breve com os alunos sobre o jogo que havíamos acabado de realizar. Perguntei se eles haviam conseguido manter o objeto entre eles, perguntei para a plateia se eles haviam conseguido observar o objeto. Alguns alunos responderam que sentiram dificuldade de se comunicar com os colegas, mas que aos poucos conseguiram entrar em sincronia. Outros responderam que tinha momentos que conseguiam observar o objeto no espaço e em outros momentos não conseguiam.

Após esse breve momento de conversa, que deveria ter sido realizado de forma mais prolongada, trabalharia o **jogo de bola 1 (A15)**²⁰, porém como observei que alunos sentiram um pouco de dificuldade para fisicalizar a corda, comecei a experimentar esse momento de uma outra forma. Pedi que eles comessem a imaginar uma bola, e com isso eles comessem a sentir o tamanho, o peso, a textura, que tipo de sensação essa bola os causava, pedi que eles

²⁰ Ver plano de aula N° 3 em anexo na página 73.

começassem a brincar com essa bola, a jogá-la para cima, e a observar como que o corpo se colocava no espaço para que eles pudessem apará-la, instruí a prestar atenção na forma como eles carregavam essa bola quando se modifica seu tamanho e seu peso.

Para isso eles teriam que estar caminhando pelo espaço durante a realização de tais instruções, isso fez com que eles voltassem a trabalhar o estado de alerta e de atenção para não bater nos colegas.

Como senti que os alunos estavam com dificuldade para seguir com o ponto de concentração e com dificuldade de seguir minhas instruções, tentei trabalhar com um objeto mais palpável. Assim, aproveitei alguns livros que estavam disponíveis numa prateleira dessa sala e distribuí para todos os alunos. Solicitei que eles explorassem as mesmas questões que haviam explorado com a bola, claro que com aquele objeto não seria possível de se modificar o tamanho, o peso, a textura, porém, daria para se trabalhar os movimentos corporais em relação a determinadas características daquele objeto. Ou seja, esse momento foi apenas para tentar situá-los na investigação que eu estava propondo.

Após um período de experimentação, retirei o objeto das mãos dos alunos, mas solicitei que eles permanecessem com a mesma energia de quando estavam carregando aquele objeto. E aos poucos fui pedindo que eles modificassem o objeto e o transformassem na bola novamente e tentassem experimentar novamente aquilo que havia proposto no começo do jogo.

E, apesar de os objetos serem diferentes, consegui observar que os alunos se soltaram mais nesse momento, começaram a explorar mais diferentes tamanhos, pesos, a modificar o corpo em relação a esse objeto.

Após um período de experimentações desse exercício, comecei a aplicar um outro exercício, para isso dividi a turma em duplas e um trio e o foco do jogo era guiar o colega com a palma da mão. No decorrer do desenvolvimento do jogo os alunos que estavam guiando o colega deveriam buscar variações de planos, de velocidade, de formas de movimentos.

No início percebi que os alunos estavam um pouco travados, não buscavam modificar os movimentos. Com isso, tive que os ir instruindo para que pudessem realizar essas modificações. Aos poucos, com as minhas instruções o exercício começou a fluir, os alunos começaram a se soltar, investigar novas possibilidades de movimentação.

Não consegui me aprofundar muito nesse jogo pois a energia da cidade de Mazagão e consequentemente da escola foi embora, com isso os ventiladores pararam de funcionar o que deixou o espaço ainda mais quente. Assim, interrompi o jogo por alguns minutos na expectativa

de que a energia voltasse, porém ela não voltou. Pensei em continuar a aula fora da sala, porém observei que seria muito difícil de manter a atenção da turma voltada para a proposta da aula, e como estava observando um cansaço por parte dos alunos, decidi liberá-los.

4.3.4 Análise do quarto dia de projeto.

O quarto dia de projeto aconteceu em 22 de junho de 2023. Durante a fase de planejamento do projeto, havia pensado em 4 dias de oficinas para trabalhar, porém como senti que ainda não havia me aprofundado em muitos dos jogos teatrais que pretendia, senti a necessidade de prolongar o projeto por mais um dia.

Com isso, mandei mensagens para a professora titular da turma no intuito de saber se seria possível proceder dessa forma e ela verificou a possibilidade com os pais, mas, infelizmente não foi possível visto que os pais informaram que, devido à necessidade das crianças de irem dois horários, pela manhã e pela tarde, elas chegavam muito cansadas em casa e que não as mandariam no dia seguinte.

Nessa última aula pensei em continuar me aprofundando nos jogos de aquecimento, que estimulam a interação, trabalhar aspectos de sensorialidade, de trabalhos em grupo, de concentração, dentre outros, sem adentrar na estrutura do “onde”, “quem” e “o quê” proposta por Spolin, visto que necessitaria de um pouco mais de tempo.

Também não havia feito muitas rodas de conversas com os alunos para que pudesse ter uma maior noção de como os alunos estavam entendendo o processo até aquele momento. Devido à importância de uma completa familiarização do aluno-ator interessado em improvisação de cena com esta forma básica, é aconselhável despendar bastante tempo neste problema. (Spolin, 2010, p. 83).

Assim, como meu tempo estava se esgotando, e ainda não havia adentrado a tal estrutura nas aulas anteriores, decidi proceder com o último dia de projeto sem a aplicação de jogos que dependem do entendimento disso.

Nos primeiros momentos de aula achei importante fazer uma roda de conversa, visto que nas aulas anteriores havia poucas. Nessa roda de conversa percebi que os alunos conseguiram se abrir mais, dei mais espaços para que eles pudessem falar, consegui estimulá-los mais a pensar sobre nosso processo.

A seguir estão algumas perguntas e respostas feitas durante esse momento:

P²¹. O que nós fizemos aqui durante esses dias?

R²². Brincadeiras, exercícios.

P. Você conseguiu se concentrar? Imaginar o café? Sentir o chão?

R. Eu consegui.

P. Conseguiram se concentrar, respirar?

R. Não.

P. Por quê?

R. Por causa do meu colega.

P. Mas e na hora que eu peço para vocês fecharem os olhos, respirar, vocês conseguem?

R. Sim.

P. E ontem, vocês conseguiram imaginar o peso da bola, o tamanho da bola, quando ela era grande, quando ela era pequena?

R. Sim.

Com essas perguntas, dentre outras, percebi que as respostas dos alunos foram muito objetivas.

Durante essa roda de conversa percebi que, enquanto fazia as perguntas, alguns alunos começaram a refletir, a pensar em dar algumas respostas, mas nem todos falavam. Infelizmente não tive muita paciência nesse momento, senti que por mais que a roda de conversa tenha sido mais longa do que nas aulas anteriores, poderia ter estendido por mais tempo e com isso esperar para que os alunos pudessem refletir muito mais. Assim, senti que passei de forma rápida pelas perguntas.

Como aconteceu nas aulas anteriores, o momento de diálogo foi monopolizado por mim pois senti a necessidade de fazer esclarecimentos acerca do processo. Com isso, expliquei sobre a importância dos exercícios e processos de concentração, da expressão corporal, e que entendia as dificuldades enfrentadas por eles para explorar movimentos que não estamos acostumados a fazer cotidianamente. Falei sobre o quanto a rotina nos faz repetir os mesmos modos de sentar-se, de andar, de ficar muito tempo em uma mesma posição, principalmente, na atualidade em que ficamos muito tempo vendo televisão e mexendo no telefone. Esse momento poderia ser conduzido de forma mais ampliado, visto que em muitos momentos de fala deveriam ser feitos

²¹ P – Pergunta

²² R- Resposta dos alunos

questionamentos para a turma para que assim eles pudessem também dialogar mais sobre o processo.

Após esse momento, trabalhei de forma breve os aspectos da concentração com os alunos, para isso, pedi que fechassem os olhos, respirassem de forma profunda e fizessem um som com a boca e tentassem direcionar a concentração para ele. E diferente da aula anterior, nesse dia eles estavam mais inquietos, mais agitados. Assim, foi difícil e demorado esse momento, pois havia resistência por parte de alguns alunos em focar nos comandos que havia repassado, pois a todo momento eles abriam os olhos, se mexiam e riam. Com isso, tive que insistir e falar várias vezes e repetir quais eram os focos do exercício. Em alguns momentos tive que falar bastante sério e chamar atenção dos alunos para que pudessem se concentrar. Ao observar que os alunos estavam conseguindo se concentrar, pois eles estavam conseguindo manter os olhos fechados e o corpo sem muita movimentação, solicitei que ficassem em silêncio apenas focando na respiração.

Após perceber que os alunos estavam em silêncio, e adaptando as instruções, trabalhei o jogo: **Sentindo o eu com o eu (A2)**, o qual havia trabalhado no segundo dia de projeto. Porém, foi difícil de trabalhá-lo nesse dia pois os alunos se desconcentraram nesse momento, desviaram a atenção, e em vários momentos precisei intervir no processo para chamar a atenção dos alunos. Após esse momento de jogo, ao passo em que muitos alunos estavam se concentrando em sua realização, dei prosseguimento no planejamento e como forma de despertar o corpo, mas tentando os manter em processo individual de concentração, pedi que fizessem massagem no próprio corpo.

Como alguns alunos chegaram atrasados e estavam bem agitados e tivemos que reorganizar o espaço, isso atrapalhou o andamento da aula e com isso tive que voltar novamente a trabalhar o processo anterior de concentração, o que foi muito complicado, teve momentos em que tive que conversar sério com a turma pois as conversas e risadas paralelas estavam atrapalhando o foco do momento que era de tentar fazer com que os alunos se concentrassem.

Como meu tempo era curto e o foco dessa aula não era o exercício anterior, não o realizei de forma prolongada. Dessa forma, após cerca de cinco minutos de exercício, solicitei que os alunos se massagassem novamente e fossem aos poucos ficando em pé.

Em seguida, apliquei novamente o jogo: **Ouvindo o ambiente (A3)**, que tem como foco: Ouvir o maior número de sons possível no ambiente imediato. Através de instruções específicas como, ouvir a voz dos alunos das outras salas, dos ventiladores, pedi que prestassem atenção

nos diferentes sons que vinha desse ambiente. Porém algumas dificuldades foram enfrentadas durante esse momento, visto que os alunos que chegaram atrasados não estavam conseguindo se concentrar, estavam se desviando do foco do jogo. Com isso, tive que interromper o exercício em alguns momentos para chamar a atenção e pedir que tentassem buscar se concentrar no foco e realizar o jogo.

Dando prosseguimento na aula, após um momento de silêncio que a turma conseguiu fazer, solicitei que abrissem os olhos e dessem as mãos uns para os outros e observassem os colegas que estavam no círculo. Dei instruções para que eles prestassem atenção no formato do rosto, do nariz, da boca, na roupa que estavam usando e como os colegas estavam dispostos no espaço.

Após esse momento, realizei de forma rápida os exercícios de alongamento e aquecimento corporal de forma coletiva, para que os alunos pudessem acordar a musculatura corporal e buscassem participar de forma ativa dos próximos jogos. Esse é um momento que funcionou muito bem, tanto nesta quanto nas outras aulas pois os alunos mantiveram um foco maior nas minhas instruções, os alunos se observavam mais pois queriam saber como que os colegas estavam fazendo.

Adiante, voltei a trabalhar com o jogo de **caminhada no espaço 1 (A6)** de forma similar com a da aula passada, solicitando que os alunos explorassem outras formas de andar, de dispor o pé em contato com o chão, a ir para o plano alto, médio e baixo. E com isso buscar formas de desconstruir os formatos cotidianos de movimentação corporal. E solicitei que observassem os colegas que passavam por eles e tentassem tomar cuidado para que não se batessem.

Em alguns momentos observei que a maioria estava conseguindo realizar o processo, e para que os alunos não se sentissem perdidos e tentassem se desafiar mais, resolvi fazer o exercício junto com eles. Durante a realização do jogo enfrentei vários momentos turbulentos como, a resistência dos alunos para com o foco, a vinda de outros alunos de outras turmas solicitar carteiras emprestadas, além de uma aluna que chegou atrasada veio me pedir para que eu pudesse liberar mais cedo.

Tentei sem sucesso dar continuidade no exercício, porém como os alunos não estavam conseguindo focar no que estava pedindo, resolvi fazer uma pausa na aula para que os alunos pudessem beber água e ir ao banheiro. Após a pausa os alunos continuavam agitados, alguns estavam fora da sala, nesse momento tive que ter pulso firme e conversar sério para que eles pudessem retomar a atenção para a aula.

No entanto, observando essa dispersão dos alunos, e olhando para o plano e como forma de buscar tentar chamar atenção dos alunos, apliquei um jogo que busca o envolvimento coletivo sem precisar que os alunos façam silêncio para manter o foco, o jogo no fichário está nomeado como **Pegador-pegador com explosão (A55)**²³. Porém ao falar o nome do jogo percebi que os alunos o com outro nome: Pira pega.

E, ao em vez de seguir as instruções, pedi que os alunos explicassem para mim quais eram as regras, e que jogassem da forma com conheciam, porém limitei a área do jogo para que os alunos enfrentassem uma maior dificuldade, solicitei que tomassem cuidado para não se baterem e se machucarem. Esse momento foi bem divertido e surtiu efeito, os alunos se envolveram bastante, ficaram bem agitados. Até os alunos que não estavam empolgados com a aula conseguiram se empolgar mais, eles interagiram bastante uns com os outros.

Não prolonguei muito o exercício pois os alunos começaram a gritar devido a empolgação, e não queria atrapalhar as aulas dos outros professores, porque as janelas estavam abertas e o som dos gritos se expandiram. Porém, aproveitando essa energia, retomei o exercício que comecei a trabalhar na aula anterior de “Guiar o colega com a palma da mão”. Foi complicado de realizá-lo devido a agitação dos alunos, alguns não conseguiam manter o foco no jogo, não queriam realizar com a sua dupla ou trio e precisei reforçar a importância de realizar a atividade nas duplas estabelecidas. Aos poucos o jogo foi funcionando, e como na aula anterior os alunos já haviam dado início a esse exercício de guiar o colega com a palma da mão, não tiveram dificuldades em entender tal exercício, com isso não me prolonguei muito em tal momento.

Adiante, dividi a turma em palco e plateia novamente para trabalhar o jogo **Espelho (A15)**²⁴. E com base na descrição proposta no fichário explique a eles como o jogo funcionaria. De início os alunos estavam um pouco travados nos movimentos, não conseguiam realizar o jogo e nem demonstrar o que estavam fazendo para a plateia. Com isso, falei a eles sobre as possibilidades de movimentos com os braços, as pernas e a cabeça. Expliquei sobre a importância de observar atentamente o colega que estava criando os movimentos a serem refletidos. Falei também para aquele que estava criando deixar claro e evidente o para o colega o movimento que estava fazendo.

²³ Ver plano de aula N° 4 em anexo na página 76.

²⁴ Ver plano de aula N° 4 em anexo na página 76.

Apesar das dificuldades, aos poucos os alunos foram se soltando, explorando outros tipos de movimentos, o que estava espelhando os movimentos começou a repetir os movimentos de forma orgânica e espontânea. Após esse jogo, dever-se-ia ter feito uma roda de conversa como era sugerido pelo fichário de Spolin, para instigar a reflexão dos alunos acerca de tal exercício. No entanto, pulei tal etapa, pois queria aplicar um último jogo com os alunos e deixei para realizá-la no final. Assim, na etapa final da aula trabalhei dois jogos presentes no fichário de Viola Spolin, os quais foram: **Eu vou para a lua (A70)**²⁵, que tem como foco lembrar de uma série em sequência. Com base nas descrições, que estão presentes no fichário da autora, expliquei a turma como funcionaria, no entanto os alunos só foram entender como o jogo funcionava na hora de começar a jogar. Com isso, tive que reiniciar o jogo várias vezes. Tive que chamar a atenção dos alunos para o foco do jogo, pois eles esqueceram dos objetos que os colegas estavam falando em sequência. Expliquei sobre a importância do trabalho coletivo, pois a desconcentração individual poderia atrapalhar o grupo. E depois de muitas repetições, risadas, falas atravessadas, consegui ir até o final. O que facilitou o jogo foi o fato de que a turma não era grande, então não tinha muitos objetos a serem memorizados. O jogo **Construindo uma história (A76)**²⁶, que tem como foco: atenção sinestésica (física) às palavras na história. E assim como ocorreu no jogo anterior os alunos tiveram que ser estimulados a contar e a continuar a história, foi muito interessante perceber a participação empenhada de todos para realizar o jogo. Por mais que a continuação se deu de forma curta, os alunos conseguiram construir uma história bem interessante a partir das regras do jogo. Todos os alunos deram sua contribuição para a história.

Por fim, realizei uma roda de conversa final com os alunos. A conversa se deu da seguinte forma:

P. O que você aprendeu na aula, o que você sentiu? Sentiu o corpo se movimentar de forma diferente?

R. Senti meu sapato, minha roupa, meu uniforme.

P. Conseguiu se concentrar?

R. Mais ou menos.

P. Por quê?

R. Por Causa de Alguns Colegas.

²⁵ Ver plano de aula N° 4 em anexo na página 77.

²⁶ Ver plano de aula N° 4 em anexo na página 77.

R. Senti a roupa, a cadeira.

P. Percebeu a importância de prestar atenção no colega?

R. Sim, percebi.

P. Conseguiu experimentar movimentos diferentes, e movimentar o corpo de forma diferente.

R. Sim. Senti. Me movimente.

R. Senti a voz de todos

P. Conseguiu entender a importância de prestar atenção no colega?

R. Sim.

P. Por que isso é importante?

R. Sem Resposta.

Expliquei por que isso é importante na relação com o colega e que muitos exercícios não fazemos só. Nesse momento os alunos falaram mais, porém as respostas continuaram breves e objetivas. Finalizei o projeto fazendo um apanhado das experiências e agradecendo a participação dos alunos.

Esse último dia foi importante porque consegui trabalhar muitas coisas em sala de aula. Pude conversar mais com os alunos, apesar de ainda monopolizar a fala. Senti que as trocas fluíram bastante. Os alunos se respeitaram, se disponibilizaram a fazer todos os exercícios, apesar das resistências em determinados momentos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu a partir das minhas inquietudes ao longo da minha caminhada enquanto estudante de escolas públicas e acadêmico de Licenciatura em teatro na universidade, devido ao pouco contato que tive com a linguagem teatral dentro das salas de aulas. Apesar de documentos normativos como a BNCC que apontam para uma ampliação da abordagem das linguagens artísticas, que dentro de sala de aula são centralizadas na linguagem das artes visuais, por diferentes fatores que não é o intuito desse trabalho analisá-los, ainda tem um longo caminho a percorrer para que essa diferença seja percebida nos currículos das escolas.

O teatro, assim como as demais linguagens artísticas é um campo vasto a ser explorado, com metodologias que levem ao conhecimento da própria história e das várias vertentes pelas quais ele é formado. Possibilitando assim um maior desenvolvimento da criatividade, das relações interpessoais, do processo de comunicação do indivíduo, de reflexões acerca do próprio corpo e do mundo ao seu redor.

Este trabalho se faz importante por se debruçar sobre uma experiência na escola formal com linguagem teatral através de uma metodologia que se utiliza do jogo teatral. A partir dessa experiência, percebo que muitos fatores interferem na aplicação de uma metodologia, como por exemplo, o público-alvo com o qual será aplicada, o espaço a ser utilizado, o tempo, como será realizado o processo de comunicação, o cotidiano do ambiente, dentre outros. Todas essas variáveis interferem no processo e no resultado.

Durante a realização do projeto, percebi que trabalhei muita coisa em muito pouco tempo, o que foi trabalhado em 4 dias, poderia muito bem se expandir por um período maior, pois cada jogo poderia ser desenvolvido de forma mais aprofundada, e serem repetidos quantas vezes fossem precisos.

No primeiro dia de projeto pude observar a turma e os alunos em suas especificidades. Entendi muitas nuances de comportamento, de processos comunicativos, de relações entre os indivíduos, dentre outras coisas. Também entendi que há momentos em que precisamos ter paciência e cuidado ao conduzir os alunos, e que as dificuldades que se apresentam por parte de cada um não são uniformes e deve-se saber buscar entender e ajudá-los de acordo com suas especificidades.

O segundo dia foi mais complicado, pois senti que fui muito autoritário durante a aula, que sempre intervia nos momentos de concentração e que deveria prolongar mais os momentos de silêncio da minha parte. Nessa aula tive que ter pulso firme para que as situações de agitação

não prevalecessem. Também pude perceber a importância da conversa e do diálogo com a turma e, que nem sempre, conseguirei seguir como planejado, mas isso não deveria ser um problema e nem gerar muitas preocupações para que isso não atrapalhe na fluência do processo. E por mais que na minha visão o jogo pareça algo simples, na realidade ele se tornou muito complexo e teria que aprender a lidar com isso.

Portanto, foi um dia de muita inquietude, e que diferente da aula anterior percebi que o desenvolvimento do processo nos próximos dias poderia ocorrer de forma mais complexa, e isso gerou um estado de alerta em mim.

No terceiro dia a aula fluiu melhor do que a anterior, os alunos conseguiram se envolver mais com os exercícios que estavam sendo propostos. Percebi que deveria ter dado mais importância para as rodas de conversas, senti que a aula estava muito centrada no cronograma que queria cumprir e acabei deixando de lado uma das coisas mais importantes para um processo, a forma como determinada proposta está sendo absorvida pelos alunos.

Observei nessa e na aula do dia anterior que mesmo os jogos mais simples são complexos porque eles requerem a articulação de diferentes fatores, e para serem aplicados em determinados grupos, aspectos como concentração, atenção, observação, relação entre o grupo e maturidade para entender o que está sendo proposto, deve ser levado em consideração.

Esse último dia foi importante porque consegui trabalhar muitas coisas em sala de aula. Pude conversar mais com os alunos, apesar de ainda monopolizar a fala. Senti que as trocas fluíram bastante. Os participantes se respeitaram, se disponibilizaram a fazer todos os exercícios, apesar das resistências em determinados momentos.

Com isso, após a finalização do projeto e analisando os dados obtidos observei que perpasssei pela estrutura proposta por Spolin de forma superficial e trabalhei apenas com jogos introdutórios. Assim, todo meu planejamento poderia ser baseado em tal estrutura, pois desde o primeiro dia eu poderia ter introduzido jogos que trabalham o desenvolvimento das relações interpessoais, a expressão corporal, a comunicação e a concentração, mas a partir dos próprios jogos teatrais, sem ficar preso apenas nos jogos introdutórios, visto que a própria estrutura do método da Viola Spolin possibilita perpassar por essas questões que busquei trabalhar de forma separada. E assim o trabalho com ponto de concentração e as instruções poderiam ser realizados de forma mais clara e objetivas.

Além disso, para as rodas de conversas e avaliações uma atenção maior poderia ser despendida tendo em vista a sua importância disso para o planejamento e o andamento do

processo. Além de dar importância à participação dos estudantes, visto que o jogo teatral possibilita não só um aprendizado quando o aluno está participando em situação de jogo, mas também enquanto plateia.

Com isso, o trabalho com a plateia que se faz importante para o jogo teatral também ficou superficial, visto que uma de suas funções é possibilitar o aprendizado de forma objetiva com o olhar para o que está sendo proposto pelos colegas em situação de jogo, os objetivos e as regras e tecer comentários fora do lugar subjetivo, do gostei e não gostei. Assim, senti que monopolizei demais muitos momentos de avaliação e falas, o processo poderia ocorrer de forma mais democrática e gerando menos tensão.

Observei que a minha vivência enquanto acadêmico afetou um pouco as experiências, tendo em vista que os tipos de relações que construí dentro da universidade, onde os alunos são adultos, tem um certo amadurecimento, não apresentam dificuldades para que possam entender o comando da professora, é diferente do público da escola.

Nos momentos de concentração senti que estava centrado em um objetivo: fazer com que os alunos ficassem quietos e fizessem silêncio, mas isso não quer dizer que eles estavam concentrados, ou que isso é a única forma de se mantê-los concentrados, eles poderiam estar correndo, conversando entre si e mesmo assim se manterem concentrados.

Além disso, observei que em alguns momentos como os de alongamento e aquecimento, funcionaram muito bem devido eu realizá-los juntos com os alunos. Dessa forma, eu não ficava no papel de observador e de instrutor passivo, o que fazia com que a energia e a participação estudantil ocorressem de forma significativa e proveitosa.

Além do mais, o ambiente e o cotidiano escolar perpassaram pela metodologia, pois em todos os dias de projeto surgia uma questão nova que afetava o andamento do processo, ora com a necessidade de mudança de lugar por causa do calor, ora pelas interferências de pessoas de fora da aula.

Com isso, o processo comunicativo se faz essencial, tanto no que diz respeito a abertura para que o diálogo entre instrutor e alunos aconteça de forma ampla e democrática, se faz necessário o entendimento por parte dos alunos sobre o que está sendo proposto, para isso o professor tem que buscar articular a linguagem para que ela se torne acessível aos alunos.

Portanto, apesar das adversidades, dos contratempos, dos problemas estruturais, foram dias de muitos aprendizados e de questionamentos. E trilhar um caminho dentro de uma metodologia é assumir os riscos, é aprender a lidar com as problemáticas encontradas na

realização, é se abrir para modificações necessárias para o andamento do processo. É buscar dialogar. Ou seja, é um processo diário de ação e de reflexão, de medo, de coragem, de angústia, de alegria. E com isso, por mais que as coisas não tenham saído como planejado ou eu não tenha trabalhado de forma aprofundada a metodologia dos jogos teatrais, a experiência se tornou aprendido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf> Acesso em: 30 dez. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. BRASIL. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf Acesso em: 30 mar. 2023

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF

CAMILO, Maria Aparecida do Nascimento. Espaços para o lúdico na escola: A importância da prática do teatro na educação. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2016**. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_arte_uem_mariaaparecidadonascimentocamilo.pdf Acesso em: 4 ago. 2023. ISBN 978-85-8015-094-0

GOHN, Maria da Glória; HANSTED, Talitha Cardoso. Teatro e Educação: Uma Relação Historicamente construída. **ECCOS: Revista Científica**, São Paulo/SP, ed. 30, p. 199-220, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3424>. Acesso em: 30 mar. 2023

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. Ensino do Teatro e Políticas Educacionais. **Cadernos de Educação**: Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, Pelotas/RS, ed. 12, p. 129-162, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/download/6589/4560>. Acesso em: 18 abr. 2023

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do Ensino de Teatro**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. 224 p. Disponível em: <https://laracoutouv20162.files.wordpress.com/2016/11/japiassu-ricardo-metodologia-do-ensino-de-teatro.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

KOUDELA, Ingrid Dormien; SANTANA, Arão Paranaguá de. Abordagens Metodológicas do Teatro na Educação. **Ciências Humanas em Revista**, São Luiz/MA, v. 3, n. 2, p. 145-154, 2005. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Arte/artigos/metodo_teatro.pdf. Acesso em: 30 mar. 2023.

LEITE, Pricila Tatiana Araújo. **OS JOGOS TEATRAIS COMO RECURSO PEDAGÓGICO:: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA PARQUE 313/314 SUL**.

Orientador: José Fernando Marques de Freitas Filho. 2016. 51 p. Monografia (Graduação) - UNB ? UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília - DF, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14890/1/2016_PricilaTatianaAraujoLeite_tcc.pdf. Acesso em: 4 ago. 2023.

LIMA, Fábio Souza. A educação Brasileira na CF/1988 e na IDB/1996. **Revista brasileira de educação básica**, Brasil, v. 4, n. 13, p. 1-6, 2019. Disponível em: <https://rbeducacaobasica.com.br/a-educacao-brasileira-na-cf-1988-e-na-idb-1996/> . Acesso em: 30 mar. 2023.

PAI FRANCISCO – GALINHA PINTADINHA 3 OFFICIAL. Vídeo. 2min04s. Publicado pelo canal: Galinha Pintadinha. **Youtube**. 9 jul. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FrFrL0rrE1E> Acesso em: 28 ago. 2023

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. 126 p. Disponível em: https://kupdf.net/download/fernando-peixoto-o-que-e-teatro_5b47a55ee2b6f5f926ae6154_pdf. Acesso em: 30 mar. 2023.

PINTO, Adriana Luiza Signor. Jogos Teatrais, de Viola Spolin, como ferramenta pedagógica no ensino da arte.. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2013**. Curitiba: SEED/PR., 2013-2014. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_arte_pdp_adriana_luiza_signor_pinto.pdf . Acesso em 04/08/2023. ISBN 978-85-8015-075-9

ROSSETO, Robson; WISNIEVSKI, Roberta Jorge da Silva. O ENSINO DO TEATRO NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro-RJ, v. 7, ed. 3, p. 1514-1527, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/51913> . Acesso em: 30 mar. 2023.

SALDANHA, Felipe Andrade; VIEIRA, Demóstenes Dantas. A História da Educação no Brasil e o Ensino de Artes: No Entremeio, o Teatro. **Humanidades e Inovação**, Brasil, v. 7, ed. 13, p. 11-20, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2203>. Acesso em: 30 mar. 2023.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução: Ingrid Dormien Koudela, Eduardo José de Almeida. 5. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula: Um Manual Para o Professor**. Tradução: Ingrid Dorminien Koudela. 3. ed. São Paulo/SP: Perspectiva, 2015. 328 p.

SPOLIN Viola. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin**; tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ANEXOS

Anexo A: Planos de aula N° 1

PLANO DE AULA N° 1
TEMA: Desenvolvendo das relações interpessoais.
TURMA(S): 5° ano

OBJETIVOS DESTA AULA

- Conhecer a turma e o público que irei trabalhar durante os dias de oficina
- Aprofundar as relações interpessoais entre mim e os alunos, e entre os alunos.
- Criar confiança e "intimidade" com a turma.
- Trabalhar com processo de desenvolvimento das relações interpessoais.
- Fazer com que o processo comunicativo dentro de sala de aula se intensifique.

CONTEÚDO DESTA AULA

- Comunicação e diálogo
- Interação
- Relações interpessoais.
- Jogos teatrais

METODOLOGIA

A aula será realizada de forma teórica e prática buscando desenvolver as relações interpessoais.

No primeiro momento iniciarei me apresentando para a turma. Explicarei quem sou, o que estou fazendo lá. Quais meus objetivos. Dentre outras coisas.

O segundo momento será de conhecer a turma, que será feita de forma com que os alunos interajam uns com os outros.

Trabalharei com entrevistas da seguinte forma: Os alunos escolheram um colega para entrevistar, esse colega será alguém que ele não tem muita relação. Nisso, ele fará algumas perguntas para seu colega, e vice-versa, as quais serão: Qual seu nome? Idade? O que gostas

de fazer? Onde ele mora? O que gosta de comer? Se ele gosta de falar muito em casa, na escola? Se ele interage muito em casa? Na escola? Dentre outras.

Também explicarei sobre cada uma delas, para que os alunos possam entender o que irão perguntar.

Escreverei as perguntas no quadro e os alunos deverão copiar em seus cadernos.

Depois, os alunos farão o compartilhamento das respostas obtidas nas entrevistas para toda a turma. Para isso, antes disso, será feita uma roda de conversa, para que todos possam falar, sobre o que sentiu, o que ele gostou na entrevista, dentre outras coisas.

Finalizarei a aula com uma outra roda de conversa com a turma sobre o processo que realizamos em sala.

AVALIAÇÃO DESTA AULA

Será realizada uma atividade de entrevista entre os alunos e durante e ao final da aula realizarei rodas de conversas para que os alunos possam compartilhar suas opiniões acerca da experiência com aula.

REFERÊNCIAS DESTA AULA

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução: Ingrid Dormien Koudela, Eduardo José de Almeida. 5. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SPOLIN Viola. Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Anexo B: Plano de aula Nº 2

PLANO DE AULA Nº 2

TEMA: Aspectos da concentração

TURMA(S): 5º ano

OBJETIVOS DESTA AULA

- Trabalhar aspectos de concentração.
- Aprofundar o processo de comunicação e das relações entre os participantes.
- Propor exercícios de aquecimento vocal e corporal.

CONTEÚDO DESTA AULA

- Concentração;
- Comunicação;
- Relações interpessoais;

METODOLOGIA

A aula será dividida em três momentos de forma prática.

No primeiro momento, será trabalhado aspectos da concentração com os alunos. Para isso, farei uma roda de conversa para explicar a eles o que é a concentração e como ela funciona. Em seguida, pedirei que eles fiquem em silêncio, deitem-se, fechem os olhos, e sintam o corpo tocar o chão.

Trabalharei a respiração e o deslocamento da atenção para estimular o sentido e as sensações como forma de estímulo para concentração.

Em seguida, pedirei que comecem a se espreguiçar e a explorar os movimentos corporais, as articulações e irem se levantando e aos poucos irem andando pelo espaço apenas observando o espaço e os colegas.

Em seguida, começarei a explorar alguns jogos propostos presentes no fichário de Viola Spolin:

- **Exposição (A1):**

“**Sem Foco;** jogadores em pé não fazem nada.

DESCRIÇÃO: Divida o grupo em dois times. Time 1 permanece em pé, em linha reta, olhando para a plateia que permanece sentada (Time2). O Time 1 deve permanecer em pé sem fazer nada.

INSTRUÇÃO: Não façam nada! Nós vamos olhar para vocês! Isso é tudo! (Caso um jogador individual começar a fazer algo, não chame os jogadores individualmente pelos nomes; fale com todos os jogadores) vocês não fazem nada! Nós olhamos para vocês! (...)” (Spolin, 2001, p.1)

- **Sentindo o Eu com o eu (A2):**

“**FOCO:** Sentir o contato com a parte do corpo indicada.

DESCRIÇÃO: Os jogadores permanecem silenciosamente sentados em suas carteiras e fisicamente sentem aquilo que está em contato com seus corpos, conforme a instrução.

INSTRUÇÃO: Sinta os pés nas meias! Sinta as meias nos pés! Sinta os pés nos sapatos! Sinta os sapatos nos pés. Sinta as meias nas pernas! Sinta as pernas nas meias! Sinta a calça ou saia nas pernas! Sinta as pernas nas calças! Sinta a roupa de baixo perto do seu corpo! Sinta o corpo perto da roupa de baixo! Sinta a blusa ou camisa com seu peito e sinta o seu peito dentro da blusa ou camisa! Sinta o anel no dedo! Sinta o dedo no anel! Sinta o cabelo na cabeça e as sobrancelhas na testa! Sinta a língua na boca! Sinta as orelhas! Vá para dentro e tente sentir o que está dentro da cabeça com a cabeça! Sinta o espaço à sua volta! Agora deixe que o espaço sinta você! (...)” (Spolin, 2001, p.03).

Ouvindo o ambiente (A3):

“**FOCO:** Ouvir o maior número de sons possível no ambiente imediato.

DESCRIÇÃO: O grupo todo permanece sentado, silenciosamente, de olhos fechados, por um minuto ou mais, ouvindo os sons do ambiente imediato. Os jogadores prestam atenção para os diferentes sons que há no ambiente.

INSTRUÇÃO: Ouça todos os sons à sua volta- até os mais imperceptíveis! Preste atenção! Ouça o maior número de sons possível! (...)” (Spolin, 2001, p. 04)

- **Extensão da audição (A4):**

“**Foco:** Ouvir sons (sem atitudes em relação a eles).

DESCRIÇÃO: Os jogadores ouvem os sons no ambiente e deixam que os sons sejam ouvidos.

INSTRUÇÃO: Envie sua audição para o ambiente acima, abaixo, atrás, perto e longe de você! Seu ouvido é uma extensão física de você! 'Sua antena! Seu instrumento! Ouça os sons no espaço! Capte os sons que aí encontra! Deixe seu ouvido captar os sons! Deixe que os sons sejam ouvidos! (...) (Spolin, 2001, p. 06)

- **Passa-passa gavião (A18):**

“**VERSOS:** Passa, passa três vezes

O último há de ficar

Tem mulher e filhos

Que não pode sustentar

Qual deles será?

O da frente ou o detrás?

O da frente corre mais

O detrás há de ficar!

DESCRIÇÃO: Dois jogadores ficam de frente um para o outro, erguendo ambos os braços acima de suas cabeças. Com os dedos entrelaçados formam um túnel. Os outros jogadores formam uma fileira indiana e passam, um depois do outro, dentro do túnel. Todos entoam o refrão acima. Ao final do refrão (que é repetido a cada vez com maior velocidade), a dupla que forma o túnel captura, com as mãos entrelaçadas, um dos jogadores na fileira. O jogador capturado pode escolher entre duas frutas: Pêra ou maçã? A cada uma das frutas corresponde um dos jogadores na dupla e o jogador capturado se posiciona atrás desse parceiro. O jogo termina quando o último jogador da fileira for capturado. Conta-se quantos jogadores da fileira ficaram atrás de cada jogador na dupla e vence o jogo aquele que possui maior número.

INSTRUÇÃO: Nenhuma. (...)” (Spolin, 2001, p.07)

- **Caminhada no espaço 1 (A6):**

“**FOCO:** Sentir o espaço com o corpo todo.

DESCRIÇÃO: Os jogadores caminham e investigam fisicamente o espaço como se fosse uma substância desconhecida.

INSTRUÇÃO (Dê algum tempo entre cada frase de instrução para que os jogadores possam passar pela experiência). Caminhe por aí e sinta o espaço à sua volta! Investigue-o como uma substância desconhecida e não lhe dê um nome! Sinta o espaço com as costas! Com o pescoço! Sinta o espaço com o corpo e deixe que suas mãos formem um todo com seu corpo! Sinta o espaço dentro da boca! Na parte exterior de seu corpo! Sinta a forma de seu corpo quando se move pelo espaço! Agora deixe que o espaço sinta você! O seu rosto! Os seus braços! O seu corpo todo! Mantenha os olhos abertos! Espere! Não force! Você atravessa o espaço e deixa que o espaço o atravesse! (...)” (Spolin, 2001, p. 09)

Finalizei a aula retomando a atividade do dia anterior e realizarei uma roda de conversa.

AVALIAÇÃO DESTA AULA

Os alunos deverão participar das atividades de concentração e dos jogos. E ao longo da aula será realizado rodas de conversas para que os alunos expressem suas opiniões acerca da experiência da aula.

REFERÊNCIAS DESTA AULA

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução: Ingrid Dormien Koudela, Eduardo José de Almeida Amos. 5. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SPOLIN Viola. Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Anexo C: Plano de aula N° 3

PLANO DE AULA N° 3
TEMA: Desenvolvendo a expressão corporal
TURMA(S): 5º ano

OBJETIVOS DESTA AULA
• Trabalhar aspectos da expressão corporal. • Aprofundar o processo de comunicação dos participantes. • Realizar alongamentos e exercícios de aquecimento. • Propor jogos teatrais para que os alunos trabalhem as relações em dupla e depois em grupo.

CONTEÚDO DESTA AULA
• Concentração; • Comunicação; • Relações interpessoais; • Jogos teatrais. • Expressão corporal

METODOLOGIA

A aula será dividida em três momentos práticos de forma a se trabalhar processos de expressão corporal.

No primeiro momento, será trabalhado aspectos da concentração com os alunos para retomar os aspectos trabalhados na aula do dia anterior. Como na aula passada, senti que trabalhei a transição de forma muito brusca, hoje penso trabalhar de forma mais lenta e cautelosa.

Após o exercício de concentração, pedirei a eles que comecem a se espreguiçarem e a explorar os movimentos corporais, através das articulações. Em seguida, trabalharei novamente o jogo **caminhada no espaço 1 (A6)**.

Em seguida, farei um círculo em que trabalharemos exercícios de aquecimento, como forma de troca de energia. Depois, pedirei que eles fiquem no círculo, um atrás do outro para que eles façam massagens na costa do colega. Em seguida, pedirei que eles fiquem de frente e abrace o colega, seguirei, para que eles abracem o colega da direita, e depois da esquerda.

Em seguida, retomarei o trabalho com alguns jogos teatrais de viola Spolin, presentes em seu fichário os quais serão:

- **Pular corda (A22):**

“**FOCO:** Manter a corda no espaço-fora da cabeça.

DESCRIÇÃO: Divida o grupo em times de quatro ou mais ou permita agrupamento randômico. Cada time irá jogar seu próprio jogo de pular corda, sendo que alguns jogadores giram a corda enquanto os outros jogadores pulam. Jogue até que todos tenham tido a oportunidade de girar a corda.

INSTRUÇÃO: Permaneçam com a mesma corda! Usem o corpo todo para jogar o jogo! (...)” (Spolin, 2001, p.35)

- **Jogo de bola 1 (A15):**

“**FOCO:** Manter a bola no espaço e não na cabeça.

DESCRIÇÃO: Divida o grupo em dois grandes times. Um time é a platéia. Depois in varta as posições. Se estiver trabalhando individualmente dentro de cada time, cada jogador começa a jogar a bola contra uma parede. As bolas são todas imaginárias, feitas de substância do espaço. Quando os jogadores estiverem todos em movimento, a instrução deverá mudar a velocidade com a qual as bolas são jogadas.

INSTRUÇÃO: (Modifique a velocidade da fala para combinar com a instrução: por exemplo, ao dar a instrução para que a bola se movimente em câmera lenta, fale em câmera

lenta.) A bola está se movendo muuuuito, muuuuuuuuuuito lentamente! Pegue a bola em câmara muito lenta! Agora a bola se move normalmente! Use o corpo todo para jogar a bola! Mantenha o seu olho na bola! Agora muito rápido! Jogue a bola o mais rápido que você puder. Pera trás e para frente tão rápido quanto puder! Normal de novo. Agora novamente em câmara muuuuuniiiiito leeeentaaaaaaa! Dê o tempo para que a bola percorra o espaço! Veja o caminho que a bola percorre no espaço! Muito bem, agora em ritmo normal novamente! (...)" (Spolin, 2001, p.15)

Trabalharei um jogo baseado em minha experiência e que não está presente no fichário de viola Spolin: **Guiar o colega com a mão.**

Finalizarei a aula com uma roda de conversa.

AVALIAÇÃO DESTA AULA

Os alunos deverão participar das atividades e dos jogos propostos, sejam individualmente, em dupla ou em grupos maiores. Durante a aula serão feitas rodas de conversas para que os alunos possam realizar trocas de opiniões acerca do andamento do processo da aula.

REFERÊNCIAS DESTA AULA

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução: Ingrid Dormien Koudela, Eduardo José de Almeida Amos. 5. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SPOLIN Viola. Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Anexo D: Plano de aula N° 4

PLANO DE AULA N° 4

TEMA: Os Jogos Teatrais

TURMA(S): 5º ano

OBJETIVOS DESTA AULA

- Trabalhar com jogos teatrais.
- Explorar aspectos de concentração com os alunos.
- Trabalhar processos imaginativos.

CONTEÚDO DESTA AULA

- Concentração;
- Comunicação;
- Jogos teatrais.
- Expressão corporal;

METODOLOGIA

A aula será aplicada de forma prática.

No primeiro momento, farei uma roda de conversa com os alunos sobre andamento do processo até aquele momento.

Adiante, continuarei trabalhando os aspectos da concentração da forma como foi trabalhado nas aulas anteriores. Que consiste na seguinte forma: Eles se deitam no chão, de olhos fechados e se concentrem na respiração.

Após esse momento, pedirei aos alunos que imaginem o cheiro do café da manhã que eles tomam na casa deles, imaginarem o gosto do pão, da manteiga. Dentre outras coisas. Eu já venho fazendo isso nas aulas anteriores e este processo está sendo importante para expansão do campo sensorial dos alunos.

Em seguida, pedirei que eles comecem a se mexer aos poucos, cada parte do corpo, os pés, a cabeça e que eles comecem a despertar e a fazerem massagens no próprio corpo, e depois façam massagens em dupla como forma de ir despertando a musculatura de si e dos colegas, para que também possam aprofundar a relação afetiva consigo e com os colegas.

Pedirei que eles se levantem e organizem o círculo e continuem a massagem no colega, primeiro o da direita e depois o da esquerda.

Em seguida novamente o jogo proposto por Spolin: **Sentindo o Eu com o Eu (A2)**.

Farei alguns exercícios de alongamento e de aquecimento coletivo. Para despertar ainda mais o estado de atenção e a musculatura corporal. Proporei os seguintes exercícios:

Adiante, pedirei que eles finalizem e fiquem no círculo apenas se observando. Isso fará com que aspectos do foco e da concentração sejam aprofundados.

E aplicarei novamente os jogos: Extensão da audição (A4), e ouvindo o ambiente (A3).

Em seguida farei exercícios de alongamento e aquecimento coletivo;

Retomarei o trabalho com o jogo: **Caminhada pelo espaço 1 (A6)** de forma breve. Para despertar ainda mais o estado de atenção e a musculatura corporal e pedirei que eles se observem, e sintam o ar, o chão embaixo dos pés. Também pedirei que eles comecem a explorar os movimentos corporais, como por exemplo, novos jeitos de mexer as articulações, de mexer a cabeça, os pés, as mãos, explorem os planos médios, baixo e alto.

E aplicarei os seguintes jogos propostos por Spolin:

- **Pegador-pegador com explosão (A55):**

“**FOCO:** Nenhum nesse jogo tradicional.

DESCRIÇÃO: Muitos jogadores (metade do grupo joga e a outra metade torna-se platéia). Um jogo regular de pegador é iniciado dentro de limites. O grupo estabelece quem será o pegador. Os jogadores não podem sair dos limites. Quando o nível de energia estiver elevado, o coordenador acrescenta uma outra regra. Quando forem pegos, os jogadores devem tomar o seu tempo para explodir. Não há forma preestabelecida para explodir.

INSTRUÇÃO Permaneçam dentro dos limites! Lembrem-se dos limites! (Quando o nível de energia estiver elevado.) Quando forem pegos, tomem o seu tempo para explodir! Antes de perseguir outro jogador, tome o seu tempo para explodir! Exploda da forma como quiser! Caia no chão! Grite! Como quiser! (...)” (Spolin, 2001, p. 81)

- **Espelho (A15):**

“**FOCO:** Refletir perfeitamente o gerador dos movimentos.

DESCRIÇÃO: Divida o grupo em times de dois. Um jogador fica sendo A, o outro B. Todos os times jogam simultaneamente. A fica de frente para B. A reflete todos os movimentos iniciados por B, dos pés à cabeça, incluindo expressões faciais. Após algum tempo inverta as posições de maneira que B reflita.

INSTRUÇÃO: B inicia! A espelha! Movimentos grandes, com o corpo todo! Espelhe só o que você vê! Mantenham o espelho entre vocês! Espelhe tudo-da cabeça ao dedão do pé! Mudem! Agora A inicia e B é o espelho! Saiba quando inicia! Saiba quando é o espelho! Mudança! Mudança! (Dê a instrução Mudança! De novo e de novo para manter o jogo em

andamento). (Spolin, 2001, p.24).

- **Eu vou para a lua (A70)**

“**PREPARAÇÃO:** Coordenador: permita que cada time passe pelas três partes de uma só vez.

Grupo todo.

FOCO: Lembrar de uma série em sequência.

DESCRIÇÃO: Times de dez a doze jogadores formam um círculo.

Parte I (o jogo tradicional Eu Vou para a Lua): O primeiro jogador diz: Eu vou para a Lua e vou levar um baú (ou qualquer outro objeto). O segundo jogador diz: Eu vou para a Lua e vou levar um baú e uma caixa de chapéu. O terceiro jogador repete a frase até este ponto e acrescenta alguma coisa nova. Cada jogador repete a frase na sequência correta e acrescenta algo. Se um jogador errar a sequência ou esquecer algum item, ele sai do jogo. O jogo prossegue até que reste apenas um jogador. (Spolin, 2001, p. 101)

- **Construindo uma história (A76)**

“**PREPARAÇÃO:** Grupo todo.

FOCO: Atenção cinestésica (física) às palavras na história.

DESCRIÇÃO: Grande grupo sentado em círculo. O coordenador escolhe um jogador que iniciará contando uma história. A história pode ser conhecida ou inventada. Em qualquer momento na história, o coordenador aponta aleatoriamente para outros jogadores que devem imediatamente continuar a partir de onde o último jogador parou, mesmo que seja no meio de uma palavra. Por exemplo, o primeiro jogador: O vento soprava..., segundo jogador: ...o chapéu caiu de sua cabeça. Os jogadores não devem repetir a última palavra previamente enunciada pelo contador.

INSTRUÇÃO: Mantenha a história em andamento! Permaneça com a palavra! Não planeje com antecedência! Em busca de uma história, uma voz! Mantenha as palavras no espaço! Compartilhe sua voz!” (Spolin, 2001, p. 110).

Finalizarei a aula com uma roda de conversa final, fazendo um aparato da experiência e buscando um diálogo com os alunos para que eles possam expressar suas opiniões acerca do processo.

AVALIAÇÃO DESTA AULA

Os alunos deverão participar das diferentes atividades propostas ao longo da aula, inclusive dos jogos.

E serão feitas rodas de conversas durante a aula para que os alunos possam exprimir suas opiniões acerca do processo realizado ao longo desse dia e do processo.

REFERÊNCIAS DESTA AULA

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução: Ingrid Dormien Koudela, Eduardo José de Almeida Amos. 5. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SPOLIN Viola. Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

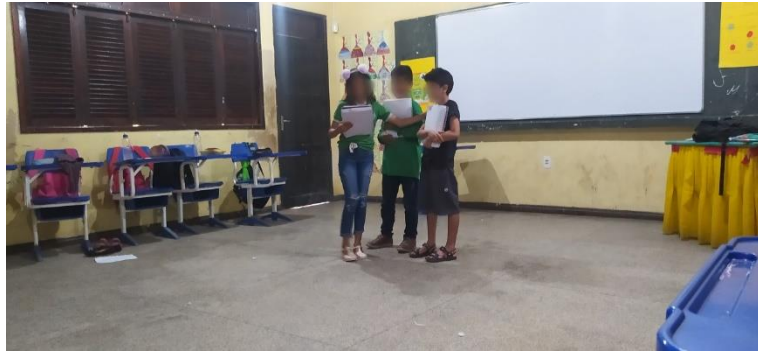
Anexo E: Realização da entrevista Fonte: Arquivo pessoal



Anexo F: Roda de conversa. Fonte: Arquivo pessoal



Anexo G: Compartilhamento das respostas obtidas nas entrevistas. Fonte: Arquivo pessoal.



Anexo H: Jogo teatral: Exposição. Fonte: Arquivo pessoal.



Anexo I: Guiando o colega com a palma da mão. Fonte: Arquivo pessoal



Anexo J: Massageando o colega. Fonte: arquivo pessoal



Anexo k: Espaço de sala de aula Fonte: arquivo pessoal



Anexo L: Processo de concentração Fonte: arquivo pessoal

